

Outubro a Dezembro de 1907

BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Noticia sobre a conservação dos monumentos egypcios

dada em sessão d'assembleia geral de 6 de junho de 1900

(Continuado do numero antecedente)

Chegado a Omdurman pedia para voltar a ver Kartum, onde se tinha passado a tragedia de Gordon, e o meu espirito evocava as diligencias por elle feitas em Jerusalem para encontrar o verdadeiro sitio do Calvario, (1) e os esforços empregados para aceitar o governo do Soldão, para onde foi como um crente fervoroso, acompanhado dos frades do Espirito Santo, que tinham fundado igreja e escolla, cujos escombros pizei parecendo terem seculos, não obstante serem recentes, pois datam de 26 de Janeiro de 1885.

A morte destes valentes benemeritos, quando os soccorros já estavam tão perto, fez a pungente tristeza da Inglaterra e o desespero de Lord Wolseley.

Este passeio ultimo por meio das ruinas ainda quentes, apesar da actividade vertiginosa que os inglezes empregavam em todas as obras de reconstrucção, deu-me ideia clara da devastação que sempre acompanhou a guerra por motivos de religião.

Destruir tudo, apagar os vestigios da civilisação anterior são as razões de um grande numero de ruinas que em pouco estudaremos.

(1) Excavações recentes descobriram a muralha antiga e as 3 implantações das cruzes junto ao local actual.

O comboio que me trazia ao Egypto estava prompto para partir, e foi meu companheiro o Capitão Kenna, a quem muita gente fazia as continencias mais respeitosas, o que me despertou interesse.

Ao despedir-me do Sr. Hobs, perguntei-lhe quem era, respondeu-me apenas que era quem tinha decapitado o *Khalifa*, ⁽¹⁾ e que por isso acabava de ser agraciado com a medalha especial da Rainha Victoria.

Tinha diante de mim o vingador de Gordon, e pelas impressões do passeio, que acabava de fazer, foi-me agradável o seu convívio, que era o de um tímido nas relações sociaes.

Mostrou-me 3 espadas que tinha trazido como despojos da batalha, tendo uma dellas em caracteres gothicos — *Johannes me fecit*. — De facto parecia de Toledo e dobrava ponta com copos. —

Contou-me a necessidade politica que havia em ser barbaro na guerra dos *derwiches*, pois, se não se cortasse a cabeça ao chefe morto, supporiam que ainda incutia respeito ao inimigo, como Christo a Omar.

Era chamado por Lord Kitchner para seu ajudante, na guerra com as republicas do Sul d'África: perguntando-me informações sobre a região de que nada conhecia, o caminho pareceu-me curto até Wadi-Halfa e depois até Philea, a bordo do vapor *Ibis*.

Mas agora vejo quanto os tenho demorado a ouvir episodios que nem os interessam nem para aqui deviam talvez ter vindo.

Desculpem-me que estamos novamente chegados ao ponto onde começam os templos a apparecer sobre as duas margens do Nilo, accusando civilisações extinctas; feitos guerreiros e vaidades megaliticas; invasões successivas de povos que pretendiam auferir as vantagens do solo fertil e do clima benigno do Egypto.

Para dar uma certa ordem trataremos primeiro dos templos, depois dos tumulos e finalmente dos muzeus, jardins e construcções modernas, relativamente, pois ainda o são as que tem mais de 4 seculos. —

Meus senhores, não venho fazer-lhes a descripção d'esta viagem, que fiz nos mezes de Dezembro de 1899 a Fevereiro de 1900, sob to-

(1) Abdullah-el-Taaichi, que foi morto na batalha, ganha por Sir Wingate em 25 de Novembro de 1899. Tinha succedido ao *Mahdi*, quando este morreo em Ondurman a 22 de Junho de 1885, sendo as suas cinzas lançadas ao Nilo a 4 de Setembro de 1898 antes de se fazerem as exequias solemnes a *Gordon* em Kartum.

dos os numerosos pontos de vista de estudo e d'observação pessoal, que para outros viajantes terão sido mais proficuos pela rapidez de percepção; nem inicial-os na appreciação complexa dos antigos monumentos, que, depois de descoberta por *Champolion Jeune* na *Stella de Rozetta* a chave da leitura dos hieroglyphos, perdida durante 14 seculos, contam e attestam á humanidade factos que se passaram á superficie da terra, ha mais de 6.000 annos.

«Defronte dos monumentos egypcios, diz *Mariette-Bey*, não se aprecia só a fórma exterior como diante do edificio grego ou romano: os textos que os cobrem, perfeitamente lisiveis hoje, lançam a arte para o segundo plano e explicam-nos as relações que cada um tem com a historia, com a philosophia e com a religião d'aquelles tempos».

Apezar de sobre tudo isto se ter escripto muito, e ser facil a recopilação; não me chegaria o tempo para o fazer sem grande cançasso para os meos ouvintes.

Venho rapidamente dizer-lhes quaes os monumentos mais notaveis que vi, em que estado achei alguns e que trabalhos se executam para os preservarem da completa ruina, que os ameaçava. Só a esthetica e arte das construcções poderão preoccupar-nos por instantes, quanto aos principaes edificios; tantos elles são ao longo do Nilo.

Nem posso seguir a ordem chronologica ou historica da sua execução, pois á parte a descripção dos templos da Nubia, vou apenas servir de indice, epitome ou resumido texto a estes 6 volumes d'estampas gravadas pertencentes á grande obra, que de principio lhes citei, e que a Bibliotheca Nacional poz benevolamente á nossa disposição para esse fim.

Pela grande quantidade devem suppor desde já a despeza consideravel annual que fará a guarda e conservação de tantos edificios.

É de um modo simples que se lhe faz face, e para isso o Estado não concorre com um vintem, e apenas os viajantes são tributados.

Desde muitos annos que a media dos forasteiros durante o inverno (de Novembro a Março) é de quarenta mil, com tendencia para augmentar. Muitos ficam no Cairo e seus arredores até Fayum. A maior parte sobe até Assuan, e bastantes vão a Wadi-Halfa, mas ainda poucos chegam a Kartum, por ser caro. Todos teem de comprar o *cartão vermelho*, aqui presente, que lhes dá ingresso nos recintos dos monumentos. É um salvo conducto, que serve junto da policia como bilhete de identidade. Cada um custa uma libra por pessoa, não pagando as

crianças até 7 annos. (1) São portanto 40 mil libras ou um milhão de francos, afóra os bilhetes especiaes no Cairo e seus arredores. Faz-se o calculo para duzentos contos de réis de receitas, provenientes das antiguidades e sobre elle distribuem-se as despezas a fazer com os differentes trabalhos.

Como sabem, para muitos serviços publicos, ha no Egypto uma especie do *condominium* internacional para os administrar por meio de commissões que tem um delegado francez, outro inglez e um terceiro egypcio, que de ordinario é o presidente, mas é o que tem menos importancia.

Por uma excepção o serviço das bellas artes está entregue quasi exclusivamente á França, sendo o seu director geral o sr. Masperó.

A restauração dos monumentos está entregue a engenheiros ou architectos francezes; as excavações a delegados internacionaes, havendo concessões particulares com um fiscal da administração, que toma nota de todos os objectos encontrados; e os guardas dos recintos são sempre egypcios com funcções de policia. Tudo é feito com a maxima ordem, no que a intendencia ingleza é d'um rigor extraordinario.

Desde a minha visita a mesma ordem se tem conservado, como adiante veremos.

Os dois templos-cavernas, Speos de Abu-Simbel

(FIGURAS I A IV)

Estando em Wadi-Halfa como lhes dice vamos descer o Nilo, até aos primeiros templos *spéos*, ou cavernas, construidos em galeria num contraforte de grés resistente, que faz esporão sobre o rio, abrupto e destacando-se entre dois valleiros. Sente-se ainda pela inspecção, como o Nilo, em trabalho grandioso nas remotas epocas geologicas, fez cabeça atravez dos dois morros.

No de Oeste e na parte mais proeminente, que para o Nascente olha em face, resolveo o grande Ramsés II construir um templo dedicado aos deuses, seus protectores, pelas victorias alcançadas sobre os povos do Norte e do Sul.

Rasgada na montanha, que naquelle ponto tem 110 metros acima

(1) Hoje paga-se 31 francos, por isso o rendimento cresceo muito.

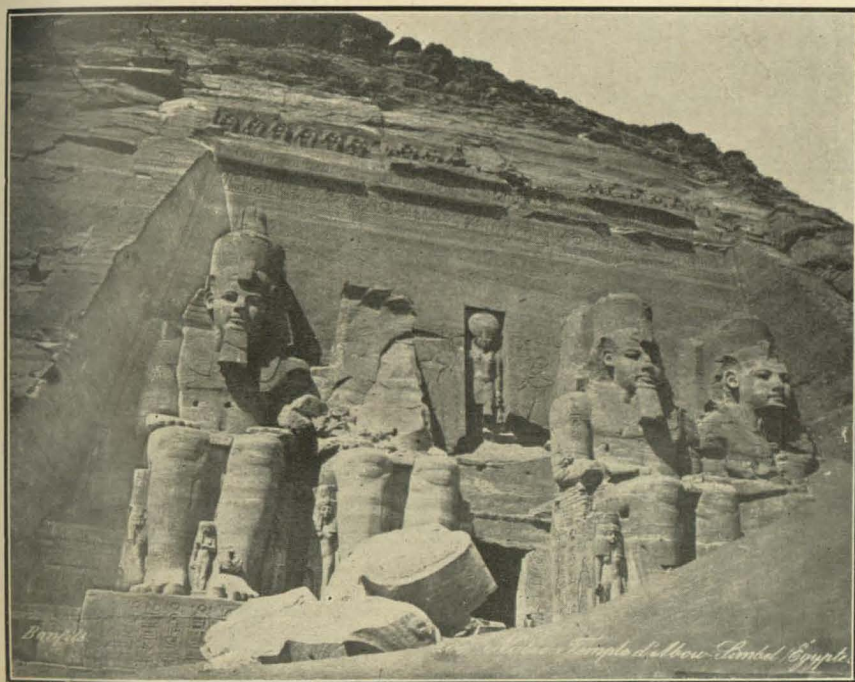


Fig.ª I—Estado da fachada em janeiro 1900

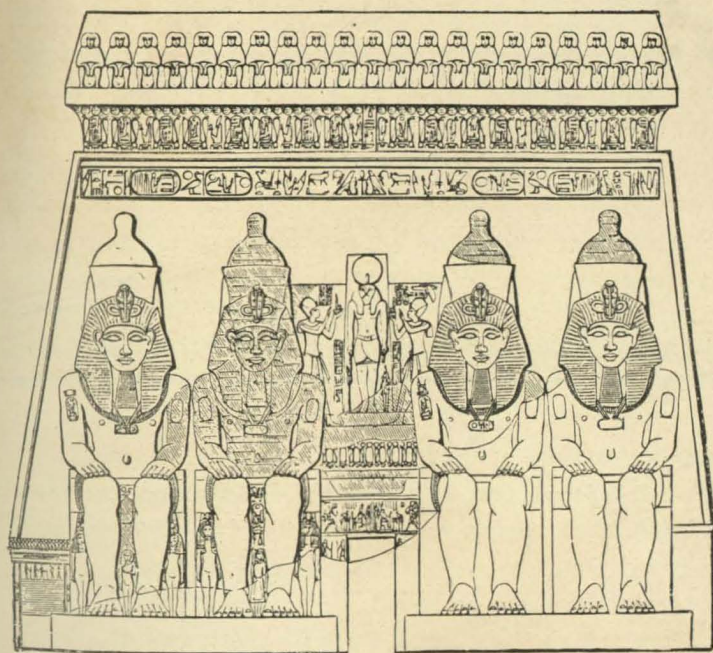


Fig.ª II—Reconstituição da frontaria por LEPSICES

do rio, uma larga excavação tendo 80 metros á entrada, 100 metros de profundidade e na parede do fundo 30,34 de comprimento e 32 metros de altura, estava feito um terreiro de mais de meio hectare, que se ligou ao rio por larga escadaria.

No animo do grande Rei parece ter germinado esta ideia genial: fazer um templo com o eixo na direcção E. O., onde o sol entrasse até ao altar dos deuses, entre os quaes elle estaria sentado, e desse modo elle poderia dizer-lhe durante as manhãs do solsticio;—pódes subir e illuminar os meus estados—.

Á lua todas as noutes elle permitiria que se espalhasse no seo Nilo, e projectasse ao longe as sombras dos seus grandes palacios e templos, construidos em todas as provincias do seu vasto imperio—.

Os 3.600 annos, decorridos desde então, teem modificado tudo desde a Armenia até ao Sahará, e da Ethiopia até ao Mediterraneo, mas o templo d'Abu-Simbel lá existe, quasi o mesmo como seu author o concebeo, attestando ás gerações a grandiosidade da epoca aurea da civilização egypcia nos XVI e XV seculos antes da nossa era christã.

Os desenhos presentes dão uma remota ideia da impressão que senti ao contemplar esta frontaria aberta numa rocha siliciosa, que esboroou com as chuvas, como se vê nas partes escuras do desenho, caindo o tronco e cabeça d'um dos colossos que jazem no chão, enchendo-o d'escombros, onde eu medi a orelha que tem 1 metro d'altura, da parte superior do pavilhão ao fundo do lobulo, o que corresponde á figura d'um homem, que tivesse 30 metros d'altura.

Quando de bordo dos barcos se depára com a fachada deste templo, ficasse completamente satisfeito de ter emprehendido a viagem entre a 1.^a e a 2.^a catarata.

Posto que o tempo não seja muito para mostrar apenas alguns desenhos sobre cada um dos templos em que se tem feito trabalhos de conservação, comtudo faremos excepção para estes pela sua originalidade na concepção, e grandiosa execução dos trabalhos de decoração, que internamente não foram de todo acabados, e onde se podem estudar os processos e methodos empregados na construcção.

A figura 1 dá o estado da frontaria do grande templo no anno em que o visitei (janeiro de 1900). Os quatro colossos representam Ramsés II sentado e rodeado dos membros de sua familia, mulheres, filhos e ascendentes, aos lados e entre os joelhos. Para se poder fazer

ideia da grandeza o photographo mandou collocar um *fellah* sentado sobre um dos pés da estatua mais conservada. É difficil vel-o sem lente.

Estes collossos são uma imitação dos de *Memnon* de Thebas, mandados fazer pelo rei Amenophis III, que tambem foi muito notavel nos meados da XVIII dynastia, e que pelas placas cuneiformes, encontradas em Tell-el-'Amarna, se descobrio que teve muitas relações com os reis da Babylonia, d'Assyria e do alto Euphrates. Viveu talvez dois seculos antes de Ramsés, cujos colossos tem 20 metros d'altura, correspondentes a 30 metros pelo menos se estivessem em pé.

Parecem fazer a guarda do templo, e foram cortados e destacados no vivo da rocha.

Talvez pensem que são uns monos; pelo contrario tem uma grande expressão de bondade digna e graciosa.

Da rocha fez-se saltar igualmente um entablamento simples, com a larga moldura de meia canna ou golla e cimalha typica da architectura egypcia, que se pôde dizer á cornija debaixo da qual ha inscrições numa parte lisa, que corresponderá ao *frizo* e, sobre tudo isto uma série de 22 macacos que se pôde considerar ser a platibanda.

Por detraz ha uma larga caleira que vem levar as aguas ás que se veem contra os muros d'ala.

Esta grandiosa construcção, (parece impossivel), já esteve toda completamente soterrada pelas areias do deserto, que impelidas pelo vento que se enfunava pelos dois valeiros adjacentes, encheram a grande praça e cobriram os colossos.

O viajante *Burckhart* foi o primeiro, que no seculo 19.º assignalou a existencia do templo pelas figuras dos macacos da cornija, e em 1817 *Belzoni* começou as excavações na areia.

Em 1844 *Lepsius* viajante, archeologo e geologo bem conhecido, continuou as excavações e refez o desenho da enorme fachada, que é reproduzida na figura II, e que se considera a mais exacta. Já nesse tempo tinha caído a cabeça e o torso do colosso á esquerda da porta, e posteriormente outras degradações tem sido produzidas pelo tempo.

A figura III dá um corte longitudinal pelo eixo do templo, que foi tirado d'um jornal allemão. Não é elle completamente conforme ao esboço, muito incompleto, que fiz em 1900; mas dá ideia approximada e está sensivelmente na mesma escala que a planta. Emfim a figura IV dá a planta exacta na escala em metros de 1:653.

Spéos de ABU-SIMBEL

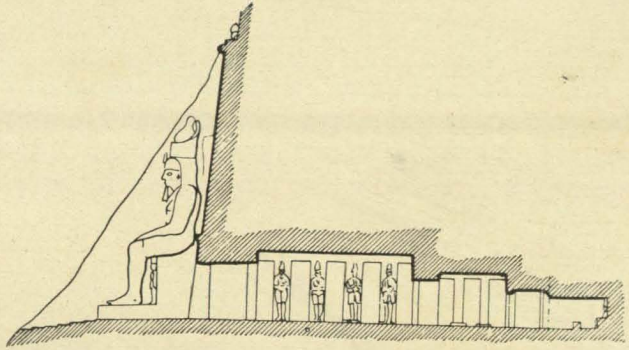


Fig.^a III—Corte longitudinal de E. a O.

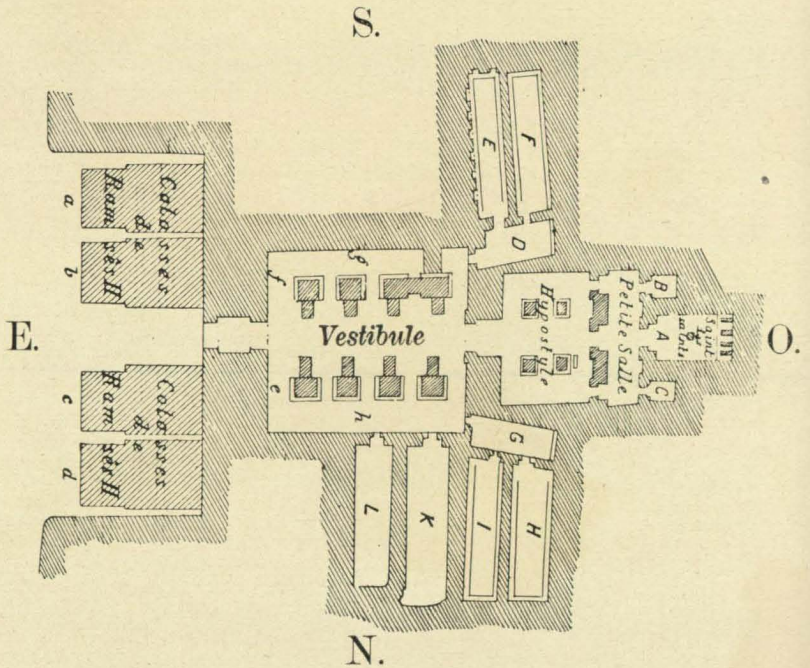


Fig.^a IV—Planta na escalla de 1:653

Antes de se entrar, chama a attenção o ver d'um lado e outro dois Nilos enlaçados, tendo as plantas hyeraldicas do Egypto entre os dois, d'um lado papyrus e lyz, do outro lotus e euphorbia. Os rios estendem-se ao longo dos tronos dos colossos centraes.

Já aqui num plano inferior se veem grupos de prisioneiros accorrentados e de joelhos uns atraz outros, sendo do lado sul pretos, representando os ethyopes, e do lado norte syrios, povos que o Rei tinha subjogado.

A verga e umbreiras da porta são decoradas com baixos relevos (tão grandes ellas são) representando Ramsés II, fazendo ceremonias religiosas diante de differentes deusas.

Da entrada ao fundo tem o templo 55 metros de comprido, e logo depois da porta existe um grande *vestibulo* com 17^m,70 de comprido por 16^m,43 de largo com 8 metros de alto sustentado por 8 pilares contra os quaes estão figuras osiricas do Rei em pé com uma barretina (semelhante á da guarda imperial allemã) que é a corôa dos dois imperios. São imponentes estes 8 granadeiros de seis metros d'altura, com as suas insignias nas mãos, cruzados sobre o peito os braços (fig. III).

Todo o vestibulo tem uma decoração grandiosa, recordando os grandes feitos militares de Ramsés; sendo as paredes do sul dedicadas ás guerras com os negros e as do norte ás guerras com os assyrios, principalmente os Hethitos, que elle bateo junto á fortaleza de Quadech sobre o Oronte.

Em ambas as scenas o rei agarra os inimigos pelos cabellos e flagella-os com um bastão, assistindo as filhas com os seus sistres ou as harpas e um deos, que lhe offerece um talabarte falciforme para acabar com elles; e os filhos vêem os prisioneiros do sul ser ameaçados pelo pae com aquella arma em presença do deos Amon. O tecto é ornamentado com abutres de grandes azas abertas com o monogramma (*cartouche*) do rei. Toda a decoração é *polychromica* de côres vivas e as figuras dos baixos relevos muito expressivas.

Ao vestibulo tem accesso oito grandes compartimentos, sallas ou quartos, como se vê da planta (fig. IV), que eram destinadas ao deposito das offerendas, mobiliario, utensilios e paramentos do culto.

As decorações destas sallas não estão completas e vê-se claramente que se trabalhava nellas quando o filho do monarcha morreo e seu neto teve d'interromper todos os trabalhos pelas guerras civis.

O methodo de trabalho pôde estudar-se claramente, pois se en-

contram lanços de parede trabalhados apenas á picola, depois uma parte escodada, em seguida desenhos a traço correctissimo, que faz lembrar os cartões de Puvis de Chabannes, ou dos grandes pintores flamengos, mais adiante figuras delineadas por buril que profundou o grés, onde existia o traço a pincel. O sulco dava a altura que deviam attingir os differentes relevos, que ficavam para dentro do plano geral da parede, em que se fazia o desbaste.

Ha muitas figuras que tem apenas a modelação d'um braço, d'uma perna ou do tronco, com a cabeça na maior parte feita. A pintura só vinha quande estivesse completo o baixo relevo, e tinha tonalidades sempre vivas e que se resentião da coloração geral do plano da parede.

Nos tempos do velho imperio ou das dynastias de Memphis (IV.^a, V.^a e VI.^a), os relevos eram salientes sobre a parede em que eram desbastados.

Estas figuras em alto relevo não eram pintadas, e correspondem aos monumentos dos seculos 36.^o a 22.^o antes de J.-C.

Nos tempos do medio imperio (annos 2.200 a 1.600 antes de J.-C.) os altos relevos eram feitos muitas vezes sobre uma parede que tinha côres passando do azul vivo, ao violeta ou amarello.

No novo imperio (1.600 a 950 annos antes de J.-C.) as figuras começaram a ser todas em baixo relevo; porque os reis das XIII.^a e XIV.^a dynastia, assim como na epoca dos Hyksos (XV.^a e XVI.^a dynastias) tinham mandado picar muitos altos relevos. Suppunha-se que a figura estava mais protegida e que a coloração geral da parede accusaria sempre a fórma, que incontestavelmente era sempre svelta e donairoso o movimento.

Voltemos ao *vestibulo* e continuemos a nossa visita ao templo, que começava propriamente no *Hypostylo*. A porta que o separava do vestibulo era ricamente decorada, e a fórma desta parte do edificio era d'ordinario quadrada, mas aqui tinha 7^m,56 de comprimento por 11^m de largo. O tecto era sustentado por 4 pilares, havendo uma stella carregada de inscripções, adiante do ultimo do lado direito. A stella do vestibulo do lado esquerdo é tambem muito curiosa.

No fundo do hypostylo ha 3 portas, que dão ingresso numa salinha oblonga que precede a capella (*sanctus sanctorum*) que tem lateralmente duas pequenas sacristias. Na capella estão sentados os deuses—Ptah (de Memphis); Amon-Ré (de Thebas); Ramsés II deificado; em Ré-Harmakhis (de Heliopolis); os dois ultimos pintados d'encar-

nado, o que parece indicar, que o rei se queria pôr principalmente sob a protecção do deos de Heliopolis. Ora sobre a porta exterior ha um nicho em que se acha este deos com o disco solar sobre a cabeça, que é a d'um milhafre, como a de Horus (hieraco-cephalo).

Todos recommendam que, havendo occasião, não se deixe de assistir ao nascer do sol junto ao altar: e de facto é um espectáculo assombroso, mas que dura muito pouco, por causa das areias, que ainda existem para o lado do rio, como indica a fig. 1, á direita. Alta madrugada vae-se com uma lanterna até o pé do altar, e fica-se completamente ás escuras para que os olhos possam depois apperceber a minima claridade e julgar das côres. A aurora começa a dar ao templo um tom violaceo, que depois se vae esbatendo para amarello até que o sol nasce, e innunda todos os recantos de luz viva, e devisa-se por segundos, a perspectiva de todo o templo para diminuir pouco a pouco a claridade, que não obstante é bastante para se verem as figuras e os hieroglyphos dos muros.

E um espectáculo inverso d'um eclipse total, mas sem se passar pela impressão de tristeza, que este phenomeno incute.

Como lhes dice este espectáculo dura muito mais tempo no solsticio do verão; e vejam quão grandiosa era a concepção de Ramsés II, que ainda hoje nos assoberba. Pódem os filhos d'Israel execral-o, por lhes ter imposto o captiveiro (Exodo I. 11), mas foi comparavel a Alexandre, a Cezar e a Napoleão. Este ultimo nome faz-me lembrar do que ainda lhes tenho a dizer sobre a conservação de Abu-Simbel, feita durante tres milhares d'annos por essas mesmas areias, que agora pretendemos pertinazmente remover.

De facto a impressão, que se sente ao sair do templo, chega a ser penosa, em face desse cone d'areia fina, que augmenta e diminue segundo os caprichos do vento.

A desobstrucção de Lepsius estava quasi perdida em 1869, epoca em que, com o acabamento do Canal de Suez, o Egypto se preparou condignamente para receber os estrangeiros, e entre elles a imperatriz Eugenia. Mariette-Bey foi authorisado por Ismaíl a dispender o que fosse necessario para que Abu-Simbel fosse facilmente visitavel.

O celebre egyptologo fez então o seu *Itinerario do Alto Egypto*, que comprehende Thebas a os monumentos até Philéa inclusivè. Não obstante a Imperatriz e os demais principes foram até o grande *spéas* que os assombrou a todos. D'então para cá as visitas foram muito

mais frequentes, as pesquisas continuaram e em 1874 foi encontrado ao S. do rochedo, onde existem tantas inscripções e stellas curiosas, um pequeno *spéos*, que tem 12 metros de profundidade, e foi construido por Ramsés II no anno 34.^o do seu longo reinado, que durou 67 annos; e portanto um anno antes de se começarem os trabalhos do grande templo.

Os trabalhos de descoberta daquelle ediculo foram pagos por Mac Callum e Miss Amelia Edwards principalmente. As figuras das paredes internas com as suas côres estão perfeitamente conservadas. A areia tapando a entrada conservou ainda este pequeno e interessante monumento.

Em 1892 o capitão Johnstone, do corpo inglez d'engenheiros, que permaneceu ali muito tempo para preparar a desforra da tentativa mallograda de libertar Gordon em 1885, projectou e construiu dois muros nos valeiros por onde as areias vinham do deserto em maior quantidade. Baldado intento, pois ellas voltam mais finas e quando os ventos sopram rijos. Não obstante melhorou-se muito a situação e pequenas escavações são necessarias annualmente para conservar o *estatu-quo* de 1869.

É interessante tambem ao Norte do grande templo e um pouco mais abaixo e perto do rio, o pequeno templo de Hathor e da rainha Nefret-ère, que foi a primeira mulher de Ramsés II, e lhe deu uma grande progenitura como veremos em Sebúa, enquanto que das duas outras mulheres teve pequena descendencia.

O grande rei não quiz deixar no esquecimento a sua companheira de tantos annos e n'um sitio mais ameno e pituresco, onde as acacias lebek e as figueiras sycomoros o encobrem e enchem de sombra, mandou cortar o gréz num plano de 12 metros d'alto por 28^m,0 de comprimento.

Na parte superior fez a cimalha egypcia com o canal posterior para defender a fachada das aguas da encosta, como no templo grande. Cortaram-se então 6 nichos rectangulares de 11 metros d'alto por 2 de largo, que eram separados por 4 pilares entre os quaes se vasaram 6 estatuas-colossos do Rei e da Rainha, tendo proximamente 10 metros d'altura.

Nefret-ère está no meio de 2 estatuas de Ramsés; de cada lado da porta ha pois 3 colossos e aos lados de cada um estatuas dos principes mais graduados da familia (varões e mulheres.)

Todas estas figuras estão muito bem conservadas e se esta frontaria não tem a imponencia da do grande templo, é comtudo graciosa e de grande belleza de proporções.

A porta central, com as hobreiras e verga largamente decoradas, dá accesso ao grande vestibulo, que está sustentado por 6 pilares, ornamentados por cabeças de Hathor com sistros, e nas faces lateraes por figuras do rei, rainha e differentes divindades. A tonalidade das pinturas é rosea nesta sala, que dá passagem por tres portas para uma pequena sala, que tem dois quartos aos lados e precede o *sanctus sanctorum*.

Nesta capella está a deusa Hathor em fórma de vacca e tendo entre as patas dianteiras a estatua do rei em pé, que lhe chega até ao peitoril ou barbella.

A ante-camara e a capella são pintadas de verde muito claro. A viveza das côres dão ao templo uma apparencia interna muito alegre.

Muitas inscripções commemorativas rodeiam os templos, escriptas em hieroglypho, demotico ou egypcio vulgar, persa, grego, copte, ethyope e romano.

Todos os conquistadores deixavam traço da sua passagem, mas sem destruirerem, o que me parece não succeder em outro monumento egypcio.

Estes a todos se imposeram e são tão attrahentes, que, quando se acaba de ver um, deseja-se voltar a visitar o outro: a mim fascinaram-me.

A um portuguez, que compára datas e epocas, não podia ser d'outro modo, como dice ao coronel Grove e capitão Kenna, meus companheiros de viagem.

Estas construcções datam dos principios do seculo 15.^o ou fins do seculo 16.^o antes de J.-C., e nos fins do seculo 15.^o e principios do seculo 16.^o da nossa *era* os portuguezes, dobrando o Cabo da Boa Esperança, tomaram Aden (para dominar no mar vermelho), Ormuz (para fechar o golfo persico), e Malaca (para terem o commercio exclusivo do Oriente).

A republica de Veneza intrigou com El-Ghûri, ultimo rei de raça egypcia para nos atacar com uma forte esquadra, que ganhou a batalha de Chaúl contra o filho de Francisco d'Almeida, mas sabeis o que o pae fez ao egypcio, que, destroçado, fugio com o resto da gente atravez da Araçbia, sendo por fim morto na batalha de Dabik, ao Norte d'Alepo, por Selim 1.^o, que se apoderou do Egypto.

Estes factos narrados nos guias e que eu appontava aos meus companheiros, evocavam no meu espirito o nosso grandioso templo

dos Jeronymos, erigido para commemorar taes feitos e por um rei que como Ramsés II tinha a paixão das numerosas e originaes construcções desde Caminha até Faro. Não foi sem um certo entono de voz que lhes traduzi os dois celebres versos:

Albuquerque terrivel, Castro forte

E outros em quem poder não teve a morte.

A tal respeito contei-lhes a passagem de Estevam da Gama pela Ethyopia, onde introduzimos certa civilização, e algumas façanhas dos Pachecos, Silveiras e Almeidas.

Era desculpavel a minha exaltação, debaixo do tropico de Cancer; e voltemos a navegar no *Ibis*, embalados pela poesia do patriotismo, que em viagem é ainda a melhor companheira.

O Nillo corre para o Norte em curvas muito apertadas, ás vezes; e nos pontos altos das margens, todos os conquistadores puzeram fortes, como o de *Kasr-Ibrim*, que se encontra a 25 kilometros de Simbel, e depois veem-se os templos *Spéos* de *Derr* e *Amâda*, que datam de Ramsés e dos reis Thutmósés e Aménophis da dynastia anterior, a XVIII, tambem muito notaveis, como veremos.

Nestas paragens encontram-se trages como nos desenhos do *livro da morte* ou nas stellas dos tumulos das primeiras dynastias. Aqui não póde dizer-se *le monde marche*, Chegados a *Korusko*, que foi ponto muito importante para o commercio, antes da abertura do caminho de ferro do Soldão, passamos a noute para no dia seguinte ir ver nascer o sol sobre os desertos adustos da Lybia e da Arabia, subindo á montanha de Auás-el-Guarani.

Bem depressa se chega ao templo de *Sebuá* construido pelo mesmo Ramsés em *hemi-spéos* como o de *Gerf-Husein*, quer dizer parte dentro da montanha e outra parte ao ar livre, com pylones e columnas, fig. v.

Em *Sebuá* encontra-se uma avenida de sphinxes com corpo de leão e a cabeça do Rei, e no embasamento do muro do pateo o cortejo dos filhos do mesmo rei. Os rapazes levam leques encabados, e as princezas sistros, tendo todos sobre si os respectivos monogrammas (*cartouches*). São 111 filhos e 56 filhas. As figuras estão um pouco esmagadas e as areias tem encoberto bastantes partes do templo, onde os coptes, chistãos dissidentes (arianos), se installaram e pintaram sobre estuque as figuras de S. Pedro e outros santos.

Debaixo do estuque encontram-se as antigas decorações perfeitamente conservadas.

Hemi-spéos de SEBUÁ, GERF-HUSSEIN e BEIT-EL-UALI

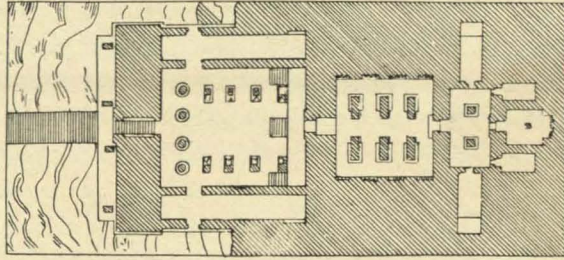


Fig.^a V—Planta reconstituída pelos vestígios na parte a céu aberto até à segunda escada.

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.^o 4—PAG. 228

Templos de DAKKE, DANDÚR e TAFFÉ

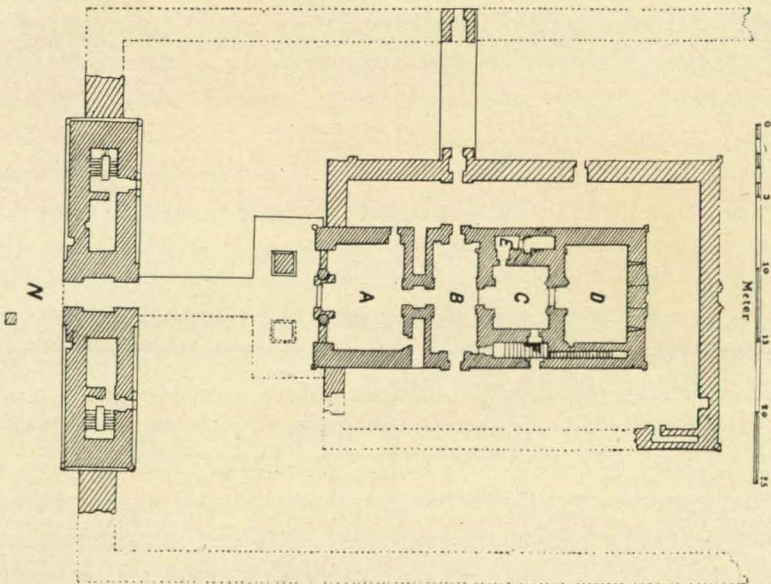


Fig.^a VI—Planta reconstituída pelos alicerces

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.^o 4—PAG. 229

Na parte da margem oriental do Nilo destas regiões o vestuário das mulheres recorda perfeitamente os da Palestina antiga, provavelmente trazidos pelos coptes, quando emigraram da Asia menor. A côr azul das tunicas compridas ainda é geral; e o porte tradicional das israelitas, indo á fonte, é o usual com o cantaro ou amphora sobre a cabeça ou na ilharga.

O templo de *Dakké* está muito arruinado, e posto que date de Tutmosis III foi contudo muito modificado pelos seus successores e pelos reis ethyopes e ptolomaicos. A porta era linda e voltava ao N. fig. VI.

Chegados ás *Portas* de Kalábché, o Nilo aperta demasiadamente as margens, que parecem cortadas a pique n'um granito negro e polido. Pois aqui mesmo se encontram 4 templos muito notaveis: Dandúr, Kalabeché, Beit-el-Uali e Taffé.

Dandúr tem uma disposição muito semelhante a *Dakké*, sendo a entrada formada por duas columnas com ricos capiteis representando açafates com flôres, de côres muito vivas, (euphorbias, etc.), e tendo o abaco, no meio, os olhos de Horus, signal da felicidade, veremos adiante uma disposição correspondente.

O grande templo de *Kalabeché* é notavel por ter inscripções que contam a historia da conversão dos Nobados e dos Blemys ao christianismo, instigados primeiro por *Theodora*, a celebre mulher do imperador Bysantino Justiniano (heroína do drama de Sardou), e depois pelo principe Silko dos Nobados.

O templo de *Beit-el-Uali* é um hemi-spéos como os de Sebúa e o de Gerf-Hussein, construido igualmente por Ramsés II e em que relata a historia das suas victorias sobre os Semitas, que tiveram a imprudencia de o vir atacar na Nubia, atravessando o mar vermelho junto ao porto de Suakim. Está muito damnificado e o vestibulo aberto na rocha foi coberto pelos christãos com abobedas, que caíram posteriormente por occasião das invasões musulmanas.

Taffé é de construcção semelhante a Dandur e *Dakké* mas a entrada está voltada para o Sul, o que mostra logo que foi de construcção greco-romana, pois as de Ramsés tem a porta ou para E. ou para O.

Entre Taffé e Dandúr é que são os celebres rapidos do Nilo onde a agua tem grande velocidade, e no meio ilhas e escolhos que tornam a sua passagem perigosa na extensão de cerca 9 kilometros.

O vapor vence rapidamente o espaço de Taffé até á primeira ca-

taracta, e encontram-se apenas o templos de Kertani e Debot sem grande importancia.

Estamos no alto Egypto tendo deixado a Nubia com os maiores templos cavernas que se conhecem, e que os reis das 18.^a, 19.^a e 20.^a dynastias se esforçaram por tornar celebres.

A vista de montante da ilha del-Hessé para os lados das ilhas de Bigé e de Philéa parece d'um paiz de fadas, tão pittoresca e variada ella é. Póde dizer-se que é a mais movimentada de todo o Nilo, pois o porto de Chéllal é muito importante em barcos de vela e de vapor e tudo se abrange n'um só olhar para N.E.

As aguas represadas pelos rochedos da 1.^a catarata formavam um lago d'onde emergiam, ao norte das tres ilhas citadas, dezenas de ilhéos com formas variadas e phantasticas. (1)

(Continúa.)

J. V. MENDES GUERREIRO.

Appenso ao "Catalogo das moedas e medalhas do Museu do Carmo"

Moedas arabico-hispanicas

E' pobrissima a serie das moedas *arabico-hispanicas*, que fazem parte da collecção numismatica do *Museu do Carmo*, constituida por dez numismas apenas, todos elles de pequeno valor intrinseco e extrinseco.

No entanto, por singular acaso, apezar de tão reduzido numero de exemplares, podem nelles vêr-se os caracteres typicos do systema monetario adoptado por cada uma das tres raças invasoras, que successivamente dominaram e conseguiram, por periodos de tempo mais ou menos largos, dar unidade politica ao imperio muçulmano, na peninsula iberica.

Classificar e descrever as moedas desta pequenissima collecção não será, portanto, uma inutilidade, antes terá a vantagem de sobre ellas chamar a attenção dos *curiosos*, habilitando-os ao mesmo tempo para poderem distinguir

(1) Este panorama mudou muito depois da construcção do Açude de Assuan, concluído em 1902, que produziu a submersão constante de quasi tudo.

—as moedas do systema monetario dos *arabes*, quer sejam do tempo dos Emires independentes—n.^{os} 1 a 6, quer da epoca dos Califas—n.^o 7, das dos typos preferidos:

—pelos *almorávides*—n.^{os} 8 e 9.

—e pelos *almóhades*,—n.^o 10.

E pode ser, e oxalá que assim seja, que da vulgarisação do conhecimento, ainda que elementar, das moedas *arabico-hispanicas*, tão desprezadas em Portugal, nasça o gosto pela formação de collecções de taes especies—o que seria bom; e que novas dadivas venham en-grossar e enriquecer a modestissima collecção do nosso *Museu*—o que seria optimo.

*
* *

Príncipes Ommáidas de Cordova, independentes dos Califas de Damasco

Abd Arrahman II, filho de Al-Háquem I, filho de Hixem I.

206 a 238 da Hegira—821 a 852 de Christo.

N.^o 1—Anv.—No campo: em trez linhas a profissão de fé:

Não ha mais do que	لا اله الا
um só Deus	الله وحده
e sem companheiro.	لا شريك له

Na orla, a data:

بسم الله ضرب هذا الدرهم بالاندلس سنة عشرة وميتين
*Em nome de Deus. Foi cunhado este dirheme em Alandalús
 no anno duzentos e dez.*

Rev.—No campo: em quatro linhas:

Deus é um só	الله احد الله
e eterno; não gerou	الصد لم يلدو
nem foi gerado, e não tem	لم يولد ولم يكن
semelhante algum.	له كفوا احد

Na orla a missão prophetica:

محمد رسول الله ارسله بالهدى ودين الحق ليظهره على الدين
 كله ولو كره (المشركون)

*Mohammed é o enviado de Deus; enviou-o com a boa direcção
 e a religião da verdade para que elle a fizesse prevalecer
 sobre todas as outras, ainda que a detestem os (polytheis-
 tas), faltando a ultima palavra por não caber na moeda.*

AR.—dirheme em bom estado de conservação; primeira cunhagem.

N.º 2—Anv.—Em tudo igual ao da antecedente, mas a data: *duzentos e vinte* da H., e entre a segunda e a terceira linha da legenda do campo: *علي - Ali:*

Rev.—Em tudo igual ao da antecedente, mas a missão prophetica completa.

AR.—dirheme em bom estado de conservação; primeira cunhagem.

*
* *

Mohammed I, filho de Abd Arrahman II, filho de Al-Háquem I.
238 a 273 da H.—852 a 886 de Ch.

N.º 3—Anv.—No campo: legenda igual á do n.º 1, sob ella o nome proprio: *معاذ - Moadz.*

Na orla: legenda igual á do n.º 1, mas a data *duzentos e quarenta* da H.

Rev.—Egual ao do n.º 2, mas faltando na missão prophetica a ultima syllaba da palavra—*polytheistas*, por não caber na moeda.

AR.—dirheme, em regular estado de conservação, sendo illegiveis algumas palavras da missão prophetica.

N.º 4—Anv.—No campo: legenda igual á do n.º 1.

Na orla: legenda igual á do n.º 1, mas a data *duzentos e quarenta e . . .*, estando illegivel a palavra representativa das unidades, que todavia só póde ser *seis, sete, oito* ou *nove*, parecendo no entanto ser *nove*.

Rev.—Egual á do n.º 1, mas a missão prophetica é illegivel da palavra *لك - todas*, até ao fim.

AR.—dirheme em regular estado de conservação, mas tendo illegiveis algumas palavras das legendas das orlas, tanto do Anv., como do Rev. correspondendo-se nas duas faces;

parecendo que a moeda foi martellada nalguns pontos proximos de periferia para adelgaçar a chapa.

N.º 5—Anv.—Egual ao do n.º 1; mas a data *duzentos e quarenta e oito*.

Rev.—Egual ao do n.º 1, mas a missão prophetica quasi illegivel.

AR.—dirheme em mau estado de conservação, sendo illegiveis, por esse motivo e ainda por cerceio, algumas palavras da legenda da orla do Anv., e muitas da do Rev.

N.º 6—Anv.—Egual ao do n.º 1, mas a data *duzentos e cincoenta...*, estando illegivel a palavra representativa das unidades.

Rev.—Egual ao do n.º 1, mas na legenda da orla apenas se percebem algumas palavras da missão prophetica.

AR.—dirheme, tendo em bom estado de conservação as legendas dos campos das duas faces, mas em pessimo estado as legendas das orlas, principalmente a do Rev.

Parece, como na n.º 4, que esta moeda foi martellada nalguns pontos proximos da periferia, estando a chapa delgadissima, e o contorno irregularmente polygonal.

Califas Ommáidas de Cordova.

Abd Arrahman III, *protector da religião de Deus*, filho de Mohammed
filho de Abdallah, filho de Mohammed I.

300 a 350 da H.—912 a 961 de Ch.

N.º 7—Anv.—No campo: legenda igual á do n.º 1, mas sob ella o nome proprio *Mohammed*.

Na orla: legenda igual á do n.º 1 mas a data *trezentos e trinta*.

Rev.—No campo: legenda illegivel mas que devia ser em quatro linhas:

O soberano,

protector da religião

de Deus, Abd Arrahman,

principe dos crentes.

ألا مام
الناصر لدين
الله عبد الرحمن
امير المؤمنين

Na orla, dentro de corôa circular, limitada por circumferencias de traço continuo, a missão prophetica a que falta a ultima palavra—*polytheistas.*

AR.—dirheme em regular estado de conservação, excepto no campo do Anv. que está illegivel.

Almorávides

Ali, filho de Iussof, filho de Texufin.

500 a 537 da H.—1106 a 1142 de Ch.

N.º 8—Anv.—No campo: em quatro linhas:

Não ha mais do que

um só Deus;

Mohammed é o enviado de Deus.

O principe Sir

Não tem legenda na orla nem, por isso, tem data; no entanto deve ter sido cunhada esta moeda entre 522 e 533 da H. —1128 a 1140 de Ch.

Rev.—No campo: em tres linhas:

Principe dos crentes

e defensor da religião

Ali, filho de Iussof.

امير المؤمنين
وناصر الدين
على بن يوسف

Pequena moeda de AR muito baixa, em mau estado de conservação. A sua leitura não é muito segura.

Issahak, filho de Ali, filho de Texufin.

539 a 541 da H.—1144 a 1146 de Ch.

N.º 9—Anv.—No campo, em tres linhas:

Não ha mais do que

um só Deus;

Mohammed é o enviado de Deus.

لا اله الا

الله

محمد رسول الله

Exergo ornamentado.

Sem legenda na orla.

Rev.—No campo em quatro linhas:

{ *principe*

{ *dos muçulmanos*

protector da religião

Issahak, filho de Ali.

{ المسلمين }

{ أمير }

ناصر الدين

اسحاق بن علي

Sem legenda na orla.

Pequena moeda de AR muito baixa, em bom estado de conservação.

Almóhades

Incerta

N.º 10—Anv.—No campo: em tres linhas:

Não ha mais do que um só Deus;

Deus é todo poderoso;

Deus é omnipotente.

لا اله الا الله

الامر كله لله

لا قوة الا بالله

Rev.—No campo; em tres linhas:

Deus é nosso senhor:

Mohammed é o nosso propheta

Al-Mahdi nosso senhor.

الله ربنا

محمد رسولنا

المهدي أماننا

Moeda de AR, quadrada, sem indicação da officina monetaria, nem do tempo em que foi cunhada, em bom estado de conservação.

Lisboa, Agosto 1907.

M. F. DE VARGAS.

AS RUINAS DO CARMO

(Continuado do n.º antecedente)

FRONTARIA

«A frontaria actual conserva bem as linhas geraes:» diz o sr. Gabriel Pereira. ⁽¹⁾

Effectivamente o que hoje existe não apresenta notavel discrepancia do que se nos depara na gravura de Debrie, ⁽²⁾ trabalho de muito valor por nos representar aquelle trecho do edificio antes do grande terremoto, que o mutilou.

Do confronto infere-se que as principaes modificações são o maior soterramento do pórtico, a derrocada da parte superior e dos arcos de reforço á parede do sul, e a transformação completa da portaria principal do convento, onde agora se vê a frente da casa de habitação do Commandante das Guardas Municipaes; sendo de presumir que a frontaria primitiva não differisse muito da representada pela mencionada gravura. ⁽³⁾

Epigraphia: ⁽⁴⁾

Na actual frontaria ha tres inscripções aos lados do portal. Não as transcrevemos, visto poderem ser lidas *sur place*. A da esquerda do espectador refere-se á sagração do mosteiro em 1523 ⁽⁵⁾ e a indulgen-

⁽¹⁾ O Museu Archeologico do Carmo, a pag. 5.

⁽²⁾ De 1743. *Chronica*, tomo 1.º, pag. 282. Acha-se reproduzida, mas sem figuras, a pag. 390 da *Vida de Nun'Alvares*, por Oliveira Martins.

⁽³⁾ Da configuração do antigo largo do Carmo, chãos, ruas e palacios proximos encontra o leitor curiosas informações no Cartorio do Convento (Maço 10.º Torre do Tombo).

⁽⁴⁾ Comquanto a transcripção da epigraphia existente na antiga igreja importe consideravel alongamento ao nosso trabalho, pareceu-nos conveniente fazel-a, por ser — sem duvida — mais um testemunho da magnificencia da mesma igreja.

⁽⁵⁾ Sant'Anna (*Chronica*, tomo 1.º, n.º 1595) promette dizer o motivo desta sagração. Como se sabe, o trabalho do illustre frade está incompleto por te-



Igreja do Carmo, frontaria actual



Igreja do Carmo, frontaria anterior ao terremoto (Debrie).

cias; da da direita, refere-se uma a indulgencias; a outra, modernissima, cita os nomes dos architectos do templo.

Nas portas existentes por occasião do terremoto, e que tinham sido feitas em 1565, havia, em letras de bronze, a seguinte inscripção:

Aperite mihi portas justitiæ.

NAVES (1)

Descendo, por treze degraus, do portal para o pavimento da igreja, eis-nos defrontando com a maior parte das venerandas ruinas, que, apesar de accusarem importante modificação na traça antiga, não perdem por tal circumstancia os fóros de formoso *specimen* do mais puro estylo ogival, esse bello estylo que é «a mais elevada expressão esthetica até hoje revelada na evolução da architectura». (2)

Desde logo a nossa attenção recahe sobre as magestosas naves, separadas por elegantes arcos ogivaes (cinco de cada lado), sustentados por feixes de delicadas columnas, arcos que, por seu turno, sustentaram as pesadas abobadas de tão imponente (3) edificio.

A nave central tinha a altura de 24^m,64; e as lateraes, a de 18^m,70. Os arcos, a de 17^m,16 com vãos de 5^m,94.

Na nave central havia dignos de admiração o pavimento, os confessionarios, os paineis, os pulpitos, as teias, as abobadas, etc.

O pavimento, como o da maior parte da igreja, era lageado de campos de marmore e jaspe; os confessionarios, «dignos de estimação pela especialidade do artificio»; (4) os paineis, dos maiores e mais ricos do templo, quasi cobrindo as paredes da nave; os pulpitos (nas primei-

rem desaparecido no terremoto os autographos destinados á continuação, e por isso ficamos desconhecendo aquelle motivo. Talvez se devesse á reabertura do templo ao culto depois de obras de restauração ou a alguma profanação mais seria. No que não ha duvida é que se fez em suffragio da alma de Branca Roiz Telheira, como consta da inscripção.

(1) Foram destinadas pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes á exposição das preciosidades archeologicas, que, embora não impunemente, pódem arrostar com a acção do tempo.

(2) Sr. Fuschini, *A Architectura Religiosa na Edade Media*.

(3) Diz a tradição que quando Filippe II aqui entrou pela primeira vez, exclamara: «Esto sí, esto sí que és Templo». *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1283.

(4) *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1280.

ras columnas, junto ao cruzeiro) admiraveis, «obrados de finos jaspes, com escadas da mesma pedraria e cobertura de prata lavrada, com guarnições de pedra fina»; as teias, de madeira preciosa; as abobadas, com bellos remates de pedra no alto dos barretes, etc.

Nas naves lateraes, além das sumptuosas capellas, de que mais adiante nos occuparemos, eram merecedores de demorada contemplação: as grades de jacarandá (pau santo), que corriam entre o cruzeiro e o topo occidental das mesmas naves; a elegantissima cimalha, que cobria as capellas; os finos azulejos, que revestiam as abobadas; os grandes paineis em ricas molduras douradas, disseminados pelas paredes; a curiosa galeria ou galilé, mettida na parte superior das mesmas paredes, correspondendo aos altares elegantes tribunas, (1) por onde entravam muita luz e ar para o templo, etc.

Epigraphia na nave central: (2)

Logo ao descer os degraus do portal deparava-se uma sepultura grande com o seguinte letreiro:

Manuel da Cunha de Teive, Governador que foy na China, filho de João de Teive, do Conselho de Sua Magestade, e de Dona Joanna de Sousa, se mandou enterrar neste logar. Pedo lhe lancem agua benta, e lhe resem hum Padre Nosso e Ave Maria: faleceo a 11 de Novembro de 1648.

À direita, indo para os estrados da nave, outra sepultura, onde se lia:

Esta sepultura he de Jorge Rodrigues, cavalleiro da Casa de ElRey nosso Senhor. Faleceo a 15 de Julho de 467 de X^o. In perpeto de foro 150 reis por que se não mova esta pedra.

A pequena distancia, subindo, outra sepultura com o seguinte curioso epitaphio:

Aqui jaz quem conheceu sete Reys deste Reyno, servio a quatro e pelejou em uma batalha, em que morreram tres Reys, e elle foy cativo, e se resgatou á sua custa; morreu a 15 de março de 1625.

Não se sabe quem foi este patricio, que assistiu á batalha de

(1) As do lado do norte fazem hoje parte de casas de habitação no quartel do Carmo.

(2) A das lateraes será mencionada ao fallarmos das respectivas capellas.

*Missa
(depois se fez se
errou a leitura
- se não foi São
João -)*

Alcacer-Kibir, e viveu nos reinados de D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, Cardeal D. Henrique e os tres Filippes. (1)

Ao meio da nave, antes de chegar aos estrados, uma sepultura brazonada (2) com o seguinte epitaphio:

Sepultura de Ruy Vaz Pinto, natural de Lamego, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Governador e capitão mór, que foy da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e de sua mulher Dona Francisca de Magalhães, e herdeiros; faleceo a 27 de Mayo de 1624.

Em outra, junto ao primeiro confessionario, ainda do lado direito, o seguinte:

Sepultura perpetua de João Gonçalves Carvalho homem nobre, e Moedeiro do numero da Casa da Moeda de ElRey nosso Senhor, e de seus herdeiros, e tem obrigação de capella: e de sua mulher Isabel Roiz, a qual faleceo em 10 de Março de 1629. E tem Missa quotidiana.

Correspondendo a esta, da parte do Evangelho, outra com o letreiro:

Sepultura perpetua de Marcos Roiz Tinoco, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleiro do Habito de Thomar, secretario do Conselho Ultramarino, e Familiar do Santo Officio, e de seus herdeiros, 1660.

No pulpito da parte do Evangelho:

Este pulpito mandou fazer o padre fr. Luiz dos Anjos, cantor da capella de Sua Magestade, anno de 1717.

No do lado da Epistola, identica inscripção, só differindo no anno, que era o de 1718.

*
* *

O templo, cujo comprimento, desde a porta principal ao fundo da capella mór, media 71^m,94, e a largura 22^m,0, continha vinte e cinco capellas, todas de primorosa fabrica, (3) a saber:

Capella mór, oitô no Cruzeiro (contando com a de altar portatil,

(1) Talvez em logar de D. Manuel se deva contar com o Prior do Crato, que muitos, e com sobeja razão, incluem na lista dos reis de Portugal.

(2) Escudo esquartelado: no primeiro quartel, 5 crescentes de lua em aspa; no 2.º, enxequizado de 3 peças em pala; no 3.º, 3 flores de liz em roquete, e no 4.º uma cruz. Timbre: um Leopardo com um dos crescentes na espadua.

(3) «Todas reconstruidas com magnificencia nos principios do seculo XVIII» O Museu Archeologico do Carmo (a pag. 6), pelo sr. Gabriel Pereira.

armado frequentes vezes na Porta do Claustro), nove na nave do norte, e sete na do sul.

CAPELLA MÓR

Como capella mór era «formosissima na figura, admiravel na magnificencia, e sem igual nos adornos». (1)

Tinha 6^m,60 de largura e 15^m,40 de altura com duas ordens de elegantes janellas ogivae (2) rasgadas nas paredes de silharia.

O arco era de jaspes brancos, almofadados de pedras vermelhas. A abertura e altura, a obra de talha, as estatuas de diversos santos e os escudos com as armas da ordem, reaes e dos Pereiras, (3) e ainda na parte inferior os pulpitos de ebano com guarnições de bronze dourado, davam-lhe uma imponencia empolgante.

Á entrada para o pavimento, todo de marmores de côres (vermelha e branca) em xadrez, havia uma grade de ebano, obra de primorosa factura. O côro, onde se reunia a maior communitade da capital, era dos mais vastos do reino, e nelle se admiravam as celebres cadeiras, feitas pelo insigne esculptor Diogo da Costa em 1548.

«Este as obrou de talha relevada com tanta variedade de exquisitas figuras e acções tão naturaes em todas as que abriu nos espaldares que a nova idea ainda actualmente (4) occupa as attenções, e o delicado da fabrica admira aos melhores artifices». (5)

Por cima das cadeiras, nas paredes, um preciosissimo thesouro de riquezas. Do lado do Evangelho, nove grandes nichos de talha dourada; do lado da Epistola, oito, (6) e, num vão, o orgão.

(1) *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1284.

(2) Bella phrase a do sr. visconde de Castilho a respeito das ogivas do Carmo. Chama-lhes «fidalgas ogivas erguidas para o ceu e cortinadas de hera» *Lisboa Antiga*, Bairro alto.

(3) Estas do lado da Epistola; as reaes, do lado do Evangelho, e as da ordem ao centro.

(4) 1745.

(5) *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1285.

(6) Estes nichos abriam-se em dias festivos; nos dias ordinarios fechavam-se, ficando cobertos por paineis, de finissima pintura. Na Semana Santa substituiam-se estes paineis por outros com figuras de anjos, empunhando os emblemas da Paixão.

O grandioso retabulo, feito, na maior parte, em 1510, pelo illustre architecto Pedro de Frias, era de primorosa talha dourada, acompanhado de altas columnas salomonicas, e tinha na parte inferior, média, um formoso nicho imitando throno, e neste, sobre custosa peanha de prata lavrada, a imagem de Nossa Senhora do Carmo, de uma belleza esculptural inexcedivel. (1)

Esta veneranda imagem, «regulada em tanta proporção que no seu alto throno representava a estatura natural», (2) sustentava no braço esquerdo o menino Jesus, e, pendente da mão direita, o escapulario.

Nas duas imagens, primorosissimas corôas, em que se contavam setenta e dois diamantes.

Ao meio do altar, a tribuna e throno do Santissimo Sacramento, e neste dois riquissimos cofres de prata, onde se guardavam uma custodia de 1^m,54 d'altura, tambem de elevado preço, (3) e as sagradas particulas; aos lados da tribuna, as duas formosissimas estatuas, em tamanho natural, de Santo Elias, do lado do Evangelho; e a de Santo Elyseu, do lado da Epistola.

Sobre as janellas, que inundavam de luz a capella, as de Santa Theresa de Jesus, á direita; a de Santa Maria Magdalena de Pazzi, á esquerda.

Na parte superior do retabulo o Salvador do Mundo em attitude de abençoar.

*
* *

Além das estatuas citadas havia outras de anjos, etc.; os vãos, entre as columnas salomonicas, apainelados e com admiraveis pinturas de Braz d'Avellar.

O frontal, a banquetta, a cruz e castiçaes do altar, trabalhos primorosos do insigne artifice João Frederico, eram de prata com pedraria cara; havendo duas ordens destes artigos, uma para os dias solemnes, outra para os communs. (4)

(1) Em sua honra faziam-se, a 2 de fevereiro e 16 de julho, festas solemnisimas, a que sempre compareciam as majestades e enorme concurso de povo.

(2) *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1312.

(3) A ultima custodia, chamada «nova», custara 6:000 cruzados.

(4) Tinham custado cerca de 8:000 cruzados.

Entre os castiões estavam collocadas umas palmas de prata, «de tal sorte avultadas em grandeza e tão especiaes na idea que até ao presente ⁽¹⁾ não se obrarão no Reyno outras que as eguaem». ⁽²⁾

No Presbyterio, do lado do Evangelho, o sumptuoso tumulo do fundador, de finissimo alabastro brunido, a que já fizemos referencia. Figurava uma urna, de 2^m,64 de comprimento por 1^m,65 de altura, assente sobre tres leões, tendo na face anterior, primorosamente abertas em relevo no mesmo alabastro, as santas imagens, que o condestavel trazia pintadas na sua bandeira, e bem assim anjos, segurando escudos com as armas dos Pereiras.

Sobre a tampa, a estatua jacente de D. Nuno, em vulto inteiro, com as vestes de frade carmelita, empunhando na mão direita um cajado e na esquerda um livro. Junto ao tumulo, uma estatua de 1^m,50 de altura representando D. Nuno ainda moço, com o indumento e armamento, de que usava em campanha.

Em volta da capella — como de toda a igreja — corria formosa cimalha, em que assentavam excellentes quartellas, de talha dourada; e, entre estas, estatuas de vulto, representando differentes virtudes. Á maior altura das paredes ainda havia grandes paineis — quatro de cada lado — de admiravel pintura, e referentes a successos gloriosos da ordem.

«Não só merecem estimação pelo primor do painel, mas tambem pela riqueza das molduras, que correspondem a toda a mais obra da capella». ⁽³⁾

Epigraphia:

Na parede contigua ao tumulo do condestavel, numa pedra branca filetada d'ouro, e aos lados das armas dos Pereiras, em relevo, o seguinte letreiro:

Aqui jaz a muito honrada e virtuosa dona Eiria Gonçalves, madre do Santo Conde, que mandou fazer este mosteiro.

Ao lado do tumulo, numa campa:

⁽¹⁾ 1745.

⁽²⁾ *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1292. Tinham custado mais de 2:000 cruzados.

⁽³⁾ *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1307.

Aqui jaz a duqueza Dona Joanna de Castro, mulher de D. Fernando, segundo duque de Bragança, e neto delRey D. João o Primeiro.

Na pequena capella fronteira (no local, d'onde se tirara para o presbyterio o tumulo do fundador), e sob o brazão d'armas dos Coutinhos e Lencastres, a seguinte inscripção:

Aqui jaz Dona Antonia de Lencastre, mulher de D. Alvaro Coutinho, sexto Marichal destes Reynos, filho do Serenissimo D. Diniz e Dona Brites de Castro, Condessa de Lemos; faleceu a 27 de Janeiro de 1585. Esta sepultura, com licença do duque D. Theodosio, segundo deste nome, seu sobrinho, lhe mandou aqui fazer D. Rodrigo Coutinho de Lencastre, seu filho, e aqui trasladou seus ossos, e a este Convento dotou vinte e cinco mil réis de juro, para se lhe dizer uma missa quotidiana.

A inscripção da sepultura rasa, em que o condestavel jazeu por alguns annos, e á qual já alludimos, era a seguinte:

*Ille come-stabilis Braganti nominis Author
Nunus adest, Dux maximus, hic Monachusque Beatus
Qui regnum ascivit vivens sortibus in ævum
Cælum cum Superis nam post numerosa trophæa
Consumpsit pompas humilisque ex Principe factus
Hoc templum posuit, coluit, censumque dicavit.*

Nas corôas da Virgem e Menino Jesus, a que tambem já alludimos, liam-se, respectivamente, os disticos:

*Hanc offert ditem geminis tibi, Virgo, Coronam
Qui sub Carmelo concinit arte melos. (1)*

e

*Musica celestis celebrat modulamini Jesum:
Musica Carmeli voce coronat eum.*

Esta capella, que, juntamente com as quatro collateraes, figura pelo lado exterior uma fortaleza, é constituida por cinco corpos semi-

(1) A referencia deste distico é feita a fr. Caetano de Santo Alberto, carmelita calçado e musico distincto.

circulares entre pilares de secção rectangular, tudo de bella silharia. Era corôada por ameias e tinha sobre as abobadas passeios descobertos, d'onde se desfructavam formosos trechos do rio, da cidade e até do campo.

Foi abobadada de tijolo depois do terremoto, e tambem então as elegantes janellas ogivaes da ordem superior passaram a ser de volta redonda na face interna.

É hoje a sala

D. NUNO ALVARES PEREIRA

a principal da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

(Continúa).

M. J. CUNHA BRANDÃO.

Serventia publica municipal junto á porta lateral da igreja
do Carmo e actualmente entrada para o elevador

CONSULTA DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA A EL-REI EM 24 D'ABRIL
DE 1743 ⁽¹⁾.

Extrah. dos *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*
pelo sr. E. Freire de Oliveira, tomo XIV, pag. 165 a 167.

«Senhor.—V. Magestade é servido por decreto de 18 de março presente, ⁽²⁾ que, vendo-se no senado a petição inclusa, de fr. José do Carmo, se lhe consulte, com effeito, o que parecer.

«Para se poder dar cumprimento ao que Vossa Magestade ordena, foi o senado fazer vistoria no sitio em que o supplicante pretende to-

⁽¹⁾ Liv.º XIV de cons. e dec. d'el-rei D. João V, do sen. occi., fs 273.

⁽²⁾ O decreto está exarado na seguinte petição:

«Senhor—A V. Magestade representa fr. José do Carmo, a cujo cargo

mar quatro palmos e meio do chão publico, nas costas da capella do Santo Christo da igreja de Nossa Senhora do Carmo, para sair mais fóra a parede da dita capella e poder-se, nas occasiões precisas, tirar-se a imagem do mesmo Senhor, com mais decencia; e pelo auto da dita vistoria, que se junta por copia, (1) consta que, chegando-se a fazer

está o tratar do asseio e culto do Senhor Jesus, dito vulgarmente o Santo Christo Captivo, e do reparo da sua capella sita na igreja do real convento do Carmo, desta côrte, que elle pretende reedificar o tumulo e retabulo da capella, em fórma que, com a decencia e veneração devida, se possa extrahir a sacrosanta imagem nas occasiões que sae em procissão; e para o poder fazer sem perigo ou ruina da mesma capella e igreja, se lhe faz preciso levantar uma parede pela parte da rua, nas costas da antiga; e, porque poderá ter alguma opposição, com o fundamento de ser passagem publica, não obstante ser terreno do convento e atrio da igreja, e com a parede que pretende levantar não occupada dita passagem mais de quatro palmos e meio, ficando á dita serventia dezeseis palmos, o que é superabundante, não só para serventia pedestre que é, mas ainda para carruagens, quando por ella pudessem passar, que não podem, pela tal serventia ir confinar com as escadas chamadas vulgarmente as Escadas do Carmo, como tudo se faz evidente do mappa que junta,—P. a V. Magestade lhe faça a graça, e esmola ao mesmo Senhor, ordenar, por seu real decreto, possa levantar a dita parede, o que precisa, sem que pessoa alguma lh'o possa impedir ou embaraçar.—E. R. M.^o—*Liv.^o XIV de cons. e dec. d'el-rei D. João V, do sen. occi. fs. 275.*

O mappa a que alludê a petição é sem duvida uma planta que se encontra no mesmo liv.^o, fs. 277, donde consta a obra projectada, e que pôde servir de elemento elucidativo a quem pretenda fazer a monographia do convento do Carmo de Lisboa.

(1) A vistoria foi feita pelo senado no dia 30 de março de 1743. Do respectivo auto extractaremos a parte essencial:

« . . . representou (o padre fr. José do Carmo) que, junto á porta travessa da igreja do dito convento, se acha a capella do Senhor Jesus, chamado o Santo Christo Captivo, para beneficio da qual se necessitam quatro palmos e meio de chão da rua, em o comprimento que decorre desde o cunhal da capella do Santissimo até o cunhal da capella sobredita do Santo Christo, o que não prejudicava ao publico, por não ser aquella serventia mais que de pé, por vir acabar em escadas; e, vista e observada a dita serventia, mandou o desembargador Duarte Salter de Mendonça, vereador do pelouro das obras, ao mestre medidor José Freire, medisse a largura em que ficava a dita serventia, e, medida, achou, da parte do cunhal da dita capella do Santo Christo, tirados os quatro palmos e meio que se pretendiam para a dita obra, ficava a dita rua nesta parte que é a mais estreita, com quinze palmos de largo, ficando em maior largura da parte em que a dita serventia acaba nas escadas.»—*Liv.^o XIV de cons. e dec. d'el-rei D. João V, do sen. occi., fs. 276.*

a obra de que se trata, ficará a rua sómente com a largura de quinze palmos naquella parte em que se houver de fazer a dita obra; e, supposto que pela mesma parte não passem carruagens, por findar a dita rua em escadas que descem para o Rocio, comtudo é de passagem continua, e com o chão que se lhe tirar ficará muito mais estreita, de que resultará grande embaraço ao povo que frequentemente se serve daquella rua para ir para o Rocio e outras partes, além de se seguir notorio prejuizo aos vizinhos fronteiros que para ali teem serventias, pois as aguas que correm pelo meio da rua, tirando-se parte desta, forçosamente hão de correr mais junto das suas portas, e por esta causa, como pela da estreiteza em que ha de ficar a rua, ficarão de menor valor as propriedades. Por cujas razões parece ao senado que ao dito requerimento se não deve deferir, por ser a obra intentada não só em prejuizo do publico, mas em total damno dos moradores e formosura daquelle sitio que sem duvida ficará disforme, se da rua se tirar parte; e ainda que o fundam.^o que toma o supplicante para pedir os quatro palmos e meio de chão para a referida obra, seja o de se poder tirar a imagem do Santo Christo, com mais decoro, nas occasiões em que sáe fóra fazendo-se serventia por detraz do altar, como consta da planta que apresenta, e por essa razão pareça se faz attendivel a supplica, como a concessão da graça pretendida pára em prejuizo de terceiro, não deve ser deferida, e com se puxar o altar da dita capella mais para fóra, em que ha bastante vão, se póde fazer a serventia mencionada. (1) V. Magestade resolverá o que fôr servido.—Lisboa, etc.»

Resolução regia escripta á margem. (2)

«Attendendo ao uso que o supplicante determina fazer da pequena parte do chão que pede, hei por bem conceder-lhe licença para esta obra.—Lisboa, etc.»

(1) O padre fr. José do Carmo que teve conhecimento de que o parecer do senado lhe não era favoravel, dirigiu ao rei novo requerimento, no qual fingindo, com fradesca dissimulação, suppor os fundamentos da consulta, de que aliás se mostrou bem sciente, apresentou suas razões em contrario, allegando que taes fundamentos não eram attendiveis, e implorou o deferimento da sua supplica.—*Liv.^o XIV de cons. e dec. d'elrei D. João V, do sen. occi.*, fs. 274.

(2) Tem a data de 5 de setembro de 1743.

CRUZEIROS NOTAVEIS

(Continuado do n.º antecedente)

LIII

Cruzeiro de Elvas

Os cruzeiros, como por mais de uma vez temos tido ensejo de observar, não eram a simples expressão de um voto religioso ou de cren-dice popular. Supriam muitas vezes a imprensa periodica, que ainda então não existia, ou existia rudimentarmente. Eram uma especie de noticiario em pedra, em que se iam inscrevendo os casos mais sensa-cionaes, as desgraças e os crimes, estes ultimos sobretudo. A cruz em taes casos, além de um monumentosinho expiatorio, era tambem um registo ou ephemeride.

A semelhante costume allude-se num romance popular—«A ser-rana e o pastor»—captado no districto de Bragança:

Que é isto, serraninha,
Tanta cruz por esta terra?!
Todas ellas são de homens
Que eu por minhas mãos matera.

Este romance, juntamente com mais seis, foram publicados pelo sr. Antonio Machado, no vol. 54 do «Instituto» de Coimbra. Se teem fundo archaico e estructura medieval, estão todavia muito moderniza-dos, sobretudo no que diz respeito á linguagem, como se deduz de outra quadra, do mesmo romance:

Seu cabello entrançado
Por cima rica monteira,
Sua arma traz ao hombro
Á moda de caçadeira.

Nos arredores de Elvas, á beira da estrada que conduz ao mata-douro publico, está erigido um modesto cruzeiro, em cujo pedestal se

destaca uma inscripção em dez linhas, que, á primeira vista, ninguem diria ser em verso. Reduz-se á seguinte quadra:

De Maria Nunes sou.
Rogae a Deus por minha alma,
Para que consiga a palma,
Se no purgatorio estou.

A ultima linha encerra a data: 14 de abril 1711.

O sr. Antonio Thomaz Pires, relacionando este cruzeiro com outros monumentos do concelho de Elvas, diz ser tradição que Maria Nunes, indo para uma romaria, fôra victimada pelo tiro de uma espingarda que levava outro romeiro e se disparára casualmente.

Ser victima de uma arma de fogo e estar ainda padecendo no fogo do purgatorio, parece-nos sina de mais. Pobre Maria Nunes!

LIV

Padrão ou cruzeiro do Senhor da Agonia, na Regoa

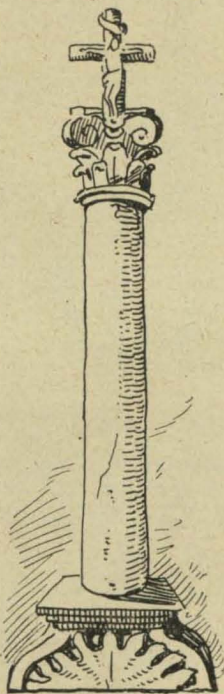
Este padrão, além da base, é constituido por uma columna de ordem composita, sobre cujo capitel se levanta uma pequena cruz, com a imagem de Christo de tosco lavor, designado vulgarmente «Senhor da Agonia».

A imagem, apesar de pouco artistica, era todavia muito venerada pelos devotos, que a tinham na conta de excessivamente milagrosa.

Estava resguardada por uma especie de alpendre, no adro da antiga igreja matriz.

Os habitantes da Regoa trataram de erigir uma capella especial debaixo d'aquella invocação e para ali removeram o padrão, que esteve muitos annos na sacristia, até que foi transferido para a porta de entrada, proximo do guardavento.

A capella foi começada a construir em 1744, ficando concluida tres annos depois, tendo sido mestre da obra José Pereira Braga, que em 6 de agosto d'aquelle anno passou recibo na importancia de réis 187\$900, primeiro pagamento da sua empreitada.



Padrão ou cruzeiro do Senhor da Agonia, na Regoa

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL. T. XI, N.º 4—PAG. 248

Creemos que este padrão não offerece letreiro nem data, que nos indique a sua historia ou a sua antiguidade.

Colhemos esta noticia da obra impressa no Porto, no corrente anno (1907) com o titulo de «Apontamentos para a historia da Villa do Peso da Regoa», devida á penna do sr. José Affonso d'Oliveira Soares. D'ella aproveitámos tambem a respectiva estampa.

LV

Cruzeiro de Nossa Senhora da Luz

Pela alma deste cruzeiro já se póde resar um padre nosso, ou entoar um «de profundis».

Ignoramos quando desaparecesse do local onde estava erecto, e quaes as circumstancias que motivaram a sua ruina,—influencia nefasta dos agentes meteorologicos, ou acção destruidora do homem?

O certificado da sua existencia, lavrou-o, com todo o affecto religioso, Fr. Roque do Soveral na obra que, em 1610, imprimiu em Lisboa, na officina de Pedro Craesbeeck, sob o titulo de: «Historia do insigne apparecimento de Nossa Senhora da Luz e suas obras maravilhosas».

No capitulo XII do livro terceiro narra elle as angustias por que passou a companhia da urca Fortuna, cujo salvamento a fé viva d'aquelles rudes marinheiros attribuiu á benevola intervenção de Nossa Senhora da Luz, que fervorosamente invocaram. Feita a promessa do devido reconhecimento, que não tardariam em cumprir, logo que chegassem a Lisboa, «tiraram antre si cem mil réis de esmola que trouxerão a esta santa casa, vindo todos em solemne procissão».

Frei Roque do Soveral conclue:

«O remate das mercês que apontámos seja uma cruz de pao, que defronte da porta afóra da Igreja, desta esclarecida Senhora, está arvorada em um pedestal de pedra marmore bem lavrado, corre em campo liso da mesma pedra o letreiro seguinte:

«Esta Cruz fizerã os officiaes & marinheyros da Vrca fortuna, em que foy Governador dõ Francisco de Sousa, na era de 1591, & correrão muyto trabalho das ilhas pera a terra, & fes-lhe nossa Senhora da Luz, por quem chamarão mercê de os liurar, & trazer a saluamento a Lisboa».

A gente do mar tinha particular devoção pela imagem de Nossa Senhora da Luz, em cujo templo, segundo afiança o mesmo fr. Roque do Soveral, se contemplavam muitos e variados votos de mareantes afflictos e gratos.

Antonio Joaquim da Cruz Moreira, que foi um indefesso colleccionador, reuniu um importante «Corpo» de inscripções, que ainda se conserva manuscripto na bibliotheca da Academia Real das Sciencias. Ahí, a fl. 830, transcreveu do livro de fr. Roque do Soveral a memoria atraz mencionada.

Certamente Moreira não teve ensejo de presenciar o modesto padrão, que ha muito teria desaparecido, e o mesmo succedeu a Luiz Gonzaga Pereira, que na «Descripção dos Monumentos Sacros de Lisboa», em 1833 (Manuscripto da Bibliotheca Nacional da mesma cidade) não se refere a elle, nem o indica no desenho a lapis que apresenta da egreja da Luz, desenho que o sr. Victor Ribeiro reproduziu a pag. 33 da sua memoria—«A infanta D. Maria».

A egreja de Nossa Senhora da Luz, em cujo largo fronteiro se costuma celebrar todos os annos no mez de setembro uma das mais pittorescas feiras dos antigos suburbios de Lisboa, foi mandada construir pela infanta D. Maria, ultima filha de el-rei D. Manuel e de sua terceira esposa, a rainha D. Leonor.

Apesar de bastante damnificada pelo terremoto de 1755, ainda é hoje um dos bons monumentos que nos legou a renascença do seculo XVI; no seu interior ha quadros e obras de esculptura que merecem o exame dos entendidos.

Jeronymo de Ruão, filho do afamado João de Ruão, que D. Manuel chamou de França para vir trabalhar no convento de Santa Cruz de Coimbra, foi o architecto da egreja, e o pintor Francisco Vanegas firmou com o seu nome alguns dos paineis que a embelezam.

A infanta D. Maria, tão notavel pela sua formosura, como pelos seus dotes de espirito, tão instruida como caritativa, foi uma das mais afamadas princezas do seu tempo, exercendo grande influencia litteraria e artistica sobre a sua côrte, que bem se podia assim chamar a sua casa, já pelo brilhantismo e opulencia da dona, já pelas pessoas que a rodeavam e serviam.

Os seus serões ficaram celebres, sobretudo pela presença de quatro illustres damas, Luiza Sigea, Publia Hortensia de Castro, Joanna Vaz e Paula Vicente, a filha do genial poeta comico. As tres primeiras



Cruzeiro da Amora

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 4—PAG. 251



Cruzeiro da Povoia de Santo Adrião

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 4—PAG. 251

distinguiam-se pelo seu saber; a ultima, a tangedora, pelo seu talento musical.

Nestes ultimos annos, a infanta D. Maria tem sido alvo de interessantissimos estudos da parte da sr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, Gomes de Brito e Victor Ribeiro, cujas monographias encaram sob diversos aspectos a sympathica physionomia d'aquella princeza.

XVI

Cruzeiros da Amora e da Povia de Santo Adrião

Estes dois cruzeiros, sem importancia artistica nem historica, tornam-se todavia recommendaveis, já por circumstancias occasionaes, ja pela proximidade de outros objectos dignos de nota.

O cruzeiro da Amora, risonha povoação da *Outra banda* foi surpreendido em flagrante pela machina photographica do sr. Barcia na occasião em que passava um cirio. Eis aqui um quadrinho, vivamente pittoresco, de costumes religiosos e populares! Por este delicioso specimen pôdem facilmente reconhecer os pintores o effeito que redundaria para as suas télas campezinhas da escolha de um cruzeiro servindo-lhes de centro ou de ornato.

O outro cruzeiro está aproximadamente nas mesmas condições. Aqui não temos a animal-o nenhum grupo festivo, mas em compensação dá-lhe realce um fundo architectonico, a igreja da Povia de Santo Adrião, freguezia do termo de Lisboa, nas proximidades de Loures.

A fachada desta igreja tem apenas algum valor pelo seu portal manuelino. Quanto seria para estimar que se reunissem em collecção photographica todos os trechos deste estilo tão original, que floresceu entre nós nos fins do seculo xv, e na primeira metade do seculo xvi.

Essa collecção só em Lisboa e nos seus arredores bastaria a demonstrar quanto foi grande a actividade artistica n'aquella época, e quanto era o gosto que presidia ás nossas construcções architectonicas.

(Continua).

Notícias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal,
com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

Addenda II

(Conclusão)

- Povoa de Lanhoso**—*Construcção moderna*, n.º 123; *Portugal contemp.*, por A. Forjaz.
- Povoa de Santa Iria**—*A Extremadura portugueza*, por Alberto Pimentel.
- Povoa de Varzim**—Museu Brenha (*Portugalia*, I, 688 e 689); *O Occidente*, 1903, pag. 250; Les «Compromissos» de la Côte d'Algarve par J. M. de Mello de Mattos (Congrès maritime internat. de Lisbonne, 1904); «Os portos maritimos de Portugal e ilhas adjacentes» pelo conselheiro Adolpho Loureiro; «Instituições de beneficencia e associações de previdencia do districto do Porto» pelo visconde de Villarinho de S. Romão; *Portugalia*, II, 45 e segg.; Restos de uma villa lusitano-romana (id., id., pag. 113); *Brasil-Portugal*, setembro, 1905; A casa portugueza, por R. Peixoto (*Os serões*, 2.ª série, n.º 3); Restos de uma villa lusitano-romana—Povoa de Varzim—por José Fortes (Impr. Portug., Porto, 1905); *As alegres canções do norte*, por Alberto Pimentel; *A nossa patria*, n.º 30; *Jornadas no Minho*, por D. João de Castro; *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. X, 458.
- Povos**—*Archeol. Port.*, VI, 158; *A Extremadura Port.*, por Alberto Pimentel.
- Proença a Velha**—«Hist. da admin. publ. em Portugal pelo dr. Gamma Barros.
- Provezende**—*Archeol. Port.*, VI, 158.
- Queluz**—*A arte e a natur. em Portugal*, fasc. n.ºs 37 e 38; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., IX, 333, 639; Alman. Palhares, 1905; *O Paço de Cintra* pelo conde de Sabugosa; *Paços reaes*, palestra

associativa por A. J. Mimoso Ruiz; *Portug. contemporaneo* por A. Forjaz; Descrição e recordação historica do paço e quinta de Queluz, pelo Marquez de Rezende (*Panorama*, vol. XI, XII e XIV).

Rates—*A nossa patria*, n.º 18.

Rebordães—*Archeol. Port.*, VI, 133.

Rebordãos—*A nossa patria*, n.º 55.

Redondo—*Archeol. Port.*, VI, 237; *Ceramica portuguesa*. A ceramica em Portugal. Esboçeto historico. As fabricas. Azulejos, Esculptura em barro. Tijolo. Diccionario de marcas. Diccionario de ceramistas profissionaes e amadores, por José Queiroz (1907).

Refofos de Basto—*Portugalia*, I, 832; A cidade de Riodouro (*Portugalia*, t. II, pag. 284, 287).

Refofos do Lima—«Études sur les oeuvres d'art de Raphael Sanzio d'Urbino, au monastère de Refoyos do Lima» par Thomaz Mendes Norton (Lisboa, 1888, in-4.º com 19 phototypias).

Reguengo—*Archeol. Port.*, VI, 238.

Reguengo do Fetal, conc. da Batalha—*A nossa patria*, n.º 40.

Reguengos de Monsaraz—*Construcção moderna*, n.º 22.

Retorta—*Archeol. Port.*, VI, 239.

Ribeira de Pena—

Ribeira do Olival—

Riodádes—.....

Rio Frio—.....

Archeol. Port., v, 282, VII, 27, 30.

Rio de Mouro—*Cruzeiros notaveis*, pelo dr. Sousa Viterbo (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, x, 597).

Rio Maior—*Brasil-Portugal*, n.º 133, 1904; «Águas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alf. L. Lopes; *A Extremadura portug.*, por A. Pimentel.

Rio Tinto (Porto)—O cemiterio romano do Monte do Penouço (*Portugalia*, II, 111).

Roriz—*Archeol. Port.*, VII, 22.

Rubiães, conc. de Paredes de Coura—Ponte romana de Rubiães, por M. J. Cunha Brandão (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. x, 462).

Ruivães, conc. de Vieira—*Portugalia*, t. II, 287.

Ruivós, conc. do Sabugal—*Archeol. Port.*, x, 206.

Sabroso—*Portugalia*, II, 17 e segg.

Sabugal—*Brasil-Portugal*, 1904, n.º 134; «Hist. da admin. publ. em

- Portugal» pelo dr. Gama Barros; *O Diario*, n.º 994, 1905; *Archeol. Port.*, x, 199; *Port. contemporaneo*, por A. Forjaz; *Diario de Noticias*, 22-3.º-906; *B. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. x, 444; Antiquidades do concelho do Sabugal, por Joaquim Manuel Corrêa (*Archeol. Port.*, xi, pag. 129 e segg.); Memoria sobre o concelho do Sabugal por Joaquim Manuel Corrêa, *Archeol. Port.*, xi, 50); *Hist. de Port.*, por Barbosa Colen, vol. xi, pag. 485 e 635; Descrição da villa (*Diario de Noticias* n.º 14763, 1906); *Archivo historico portuguez*; *A nossa patria*, n.º 65.
- Sacavem**—«Dicc. dos architectos» pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., 522; *O Paço de Cíntra*, pelo conde de Sabugosa; *Ceramica port.*, por José Queiroz; *A Extremadura port.*, por A. Pimentel.
- Salir**—*Archeol. Port.*, iv, 280.
- Salvaterra de Magos**—*Archeol. Port.*, vii, 103; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal*, por A. Haupt; *O Domingo illustr.*, 4.º vol.; *Archeol. Port.*, vii, 103, 123; *Diario de Noticias*, n.º 14298, 1905; *Paços reaes*, palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; *Portugal contemporaneo*, por A. Forjaz; *A Extremadura port.*, por A. Pimentel.
- Samora Corrêa**—*A Extremadura port.*, por A. Pimentel.
- Sandim**—
- Sanfins**—
- Sanhoane**—
- } *Archeol. Port.*, vii, 125, 126.
- Santa Comba**, freg. de Villa Fouche, conc. dos Arcos de Val de Vez.—*Portugalia*, i, 332.
- Santa Comba Dão**—*Archeol. Port.*, iii, 230, 285, v, 338; *O Domingo illustr.*, 4.º vol.; *O Caramulo*, por Thomaz da Fonseca (*Serões*, julho de 1907).
- Santa Cruz do Bispo**, conc. de Bouças—*Portugalia*, t. ii, 288.
- Santa Maria de Bouro**, conc. de Amares—Prodígios de S. Bernardo, em azulejo (*Portugalia*, ii, 272).
- Santa Maria do Azinhoso**—«Dicc. dos architectos» pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., pag. 503.
- Santa Maria dos Oliveas**—*Construcção moderna*, n.º 80.
- Santa Marinha de Ferreiró**, freg., conc. de Villa do Conde—*Portugalia*—Materiaes para o estudo do povo portuguez, i, pag. 177.
- Santa Martha de Penaguão**—*O Domingo illustr.*, 4.º vol.; *Indice parlamentar*, pag. 100, 1.º vol.

Santa Olaya (Castro de)—Vej. **Montemór-o-Velho**.

Santa Quiteria de Meca—*A Extremadura port.*, por A. Pimentel.

Santarem—Uma excursão a Santarem («Annaes da Academia dos Estudos Livres» 1904); *Archeol. Port.*, v, 338, vi, 196, ix, 183, 196; *Serões*, n.^{os} 14 e 22; *A arte e a natur. em Portugal*, fasc. n.^{os} 36, 39, 41; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Brasil-Portugal*, 1904, pag. 142; *Primeiro de Janeiro*, n.^o 103, 1904; *Frei Gil de Santarem* pelo dr. Theophilo Braga; *Hist. de Port.*, Barbosa Colen, x, 89, 109, 622; *Leiria illustrada*, 22-2-06; *Archivo historico portuguez*; *Portugal contemporaneo*, por A. Forjaz; *Cidades de Portugal*, por J. A. Corrêa; *Chronica de El-Rei D. Sancho I*, por Ruy de Pina; *A Extremadura portugueza*, por Alberto Pimentel; *Ilustração portugueza*, 2-9-907; «Memoria a respeito da sepultura rasa do descobridor do Brazil na egreja da Graça em Santarem», por Alberto de Carvalho (Lisboa, 1902); «Alguns sellos antigos do concelho de Santarem» por Pedro Augusto de S. Bartholomeu Azevedo (1897); «Memorias chronologicas authenticas dos alcaides môres da villa de Santarem» pelo visconde de Santarem (1825); *Ceramica portugueza*, por José Queiroz; No valle de Santarem (*A nossa patria*, n.^o 63); *O Paço de Cintra*, pelo conde de Sabugosa; *Paços reaes*—palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; *Mosteiros reaes* por Mimoso Ruiz.

Santo Antonio de Ferreirim—*Novo alman. de lembranças luso-brasileiro*, 1873, pag. 178, 1880, pag. 146.

Santo Thyrsó—«O Minho e suas culturas» pelo visconde de Villarinho de S. Romão; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; «Instituições de beneficencia e associações de previdencia no districto do Porto» pelo visconde de Villarinho de S. Romão; *As alegres canções do norte*, por A. Pimentel.

S. Christovão de Rio Mau, conc. de Villa do Conde—*Portugalia*, t. II, 288.

S. João da Pesqueira—*A handbook for travellers in Portugal*; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *O Domingo illustr.*, 4.^o vol.; *Novo alman. de lembranças luso-brasileiro*, 1872, 114; *Indice parlamentar*, I, 100.

S. João de Rei—*Archeol. Port.*, v, 27.

- S. Martinho de Ferreiros**, conc. de Povoia de Lanhoso—A Torre de Geraz (*Ilustração port.*, 2.^a série, n.º 8).
- S. Martinho de Guifões**, conc. de Bouças—*Portugalia*, t. II, 288.
- S. Pedro da Lomba**, conc. de Amarante—*Portugalia*, t. II, 252.
- S. Pedro de Arcos de Val de Vez**—«Estudos do Alto Minho (Ainda a inscripção christã de S. Pedro de Arcos)» pelo dr. Felix Alves Pereira, 1904.
- S. Pedro de Rates**—*Portugalia*, II, 288.
- S. Pedro do Sul**—«Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alf. L. Lopes.
- S. Salvador d'Arcos**—*Estudos do Alto Minho*. Um erro de amanuense nas inquirições de D. Affonso III, pelo dr. Felix Alves Pereira.
- S. Salvador do Mundo**—*Ilustração port.*, 26-8.º-907.
- S. Thiago d'Antas**—*Primeiro de Janeiro*, n.º 108, 1902; *A handbook for travellers in Portugal*.
- S. Thiago do Cacem**—*A nossa patria*, n.º 48; *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. X, 459.
- S. Vicente da Beira**—*Archeol. Port.*, VII, 305; *O Domingo illustr.*, 4.º vol.; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros.
- S. Vicente da Chã**—*Archivo Pittor.*, v, 156.
- S. Vicente de Oleiros**—*Portugalia*, I, 301.
- S. Vicente do Pinheiro**—«Balineum luso-romano de S. Vicente do Pinheiro» por José T. R. Fortes Junior (Porto, 1902).
- Sardoal**—«Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alfredo Luis Lopes.
- Satam**—«Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *O Domingo illustr.*, 4.º vol.
- Seixal**—*O Domingo illustr.*, 4.º vol.; *O Seculo*, n.º 5690, 1897; *Archeol. Port.*, VII, 191.
- Seixas**—*Archeol. Port.*, VII, 191.
- Semide**, conc. de Coimbra—*Hist. de Port.* de P. Chagas, v, 615, 3.^a ed.; *As monjas de Semide* por Lino d'Assumpção.
- Semprenoiva (Evora)**—*Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, 2.º vol.; *Hist. de Port.*, de P. Chagas, 3.^a ed., art. de Gabriel Pereira, v, 630; *Os Serões*, n.º 5; *Ilustração port.*, n.º 44.
- Serem**—Convento de Serem (*Branco e Negro*, II, 229).
- Sernache do Bomjardim**—«Mem. sobre as medalhas e condecor.

- port.» por M. B. Lopes Fernandes; *Traços monographicos*, pelo padre Candido da Silva Teixeira (Lisboa, 1955), 1 vol. de 378 pag.
- Sernache dos Alhos**—*Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.^a ed., v, 618, 620.
- Sernancelhe**—«Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Port. contemp.*, por A. Forjaz.
- Serpa**—*Archeol. Port.*, IV, 102, VI, 88, VII, 259, VIII, 162; *O Seculo*, n.º 3376, (1891); *O Paço de Cintra*, pelo conde de Sabugosa; *O Conde de Ficalho*, elogio destinado a ser lido na sessão solemne de 6 de Junho de 1904 para inauguração e entrega á Camara Municipal de Serpa da Bibliotheca Publica «Corrêa da Serra» por J. G. da Costa Caldas; *Chronica d'El-Rei D. Sancho I*, por Ruy de Pina; *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. x, 448.
- Serra da Estrella**—A serra da Estrella e o futuro de Portugal, por José Lopes Vieira (*Serões*, 2.^a série, n.º 13).
- Serrazes**, conc. de S. Pedro do Sul—*Portugalia*, II, 109.
- Setubal**—«Dice. dos architectos» pelo dr. Sousa Viterbo, 2.^o vol., 539; *Uma excursão á Serra da Arrabida*. Roteiro de Lisboa a Setubal por Pereira e Sousa e G. A. Vidal Junior (1903); *Estações prehistoricas dos arredores de Setubal* (Apontam. para o seu estudo) por A. J. Marques da Costa (*Archeol. Port.*, VII, 275); *Portugal* por Ricardo Kessler; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Serões*, n.º 22; *Archeol. Port.*, IV, 18, 223, 313, 344; VII, 18, VIII, 47, 137, IX, n.ºs 7 a 10, e pag. 145; Castello do Outão (*Brasil-Portugal*, 1900, pag. 153); *Alman. Palthars*, 1902 e segg.; Excavações archeologicas (*Portugalia*, II, 123); *As mulheres portuguezas*, por D. Anna de Castro Osorio, 1905, pag. 140; *Portugal artistico*, director Eduardo Sequeira (150 illustr.), 1.^a série, 1905; *Cruzeiros notaveis* pelo dr. Sousa Viterbo (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, x, 183); *O Paço de Cintra*, pelo conde de Sabugosa; *Archeol. Port.*, x, 185; *Paços reaes*—palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; *A nossa patria*, n.º 24; *A casa onde nasceu Bocage* (*Diario de Noticias*, n.º 14394, 1905); *Roteiro de Lisboa*, historico, hydrographico, choro-graphico, archeologico e artistico, com minuciosas instrucções ao viajante por Joaquim Gil Pinheiro (S. Paulo, Brasil, 1905); *Port. contemporaneo*, por A. Forjaz; *Archivo historico portuguez*;

- Cidades de Portugal*, por J. A. Corrêa; «Ruines d'antiques établissements à salaisons sur le littoral sud du Portugal», pelo dr. A. Mesquita de Figueiredo (Sep. des *Annales de la faculté des Lettres de Bordeaux et des Universités du Midi*; *Bulletin Hispanique*, n.º 2, 1906); Serra da Arrabida (*Illustr. port.*, 2.ª série, n.º 21); Estações prehistoricas dos arredores de Setubal (*Archeol. Port.*, XI, 40); *Viagem em Portugal (1798-1802)*, *Diario de Noticias* de 10-3-07; *A Extremadura portugueza*, por Alberto Pimentel; *Albarquel (Ilustração portugueza)*, 19-8-07).
- Sever do Vouga**—*Cever do Vouga*, chronicas, producções, monumentos, costumes, lendas, paizagens, por José Luciano de Figueiredo Lobo e Silva (Porto 1906); *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 2, XI, 85.
- Silves**—«Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Primeiro de Janeiro*, n.º 133, 1904; *Archeol. Port.*, V, 338; VII, 122; *Chronica de El-Rei D. Sancho I*, por Ruy de Pina; *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. X, 445; *Archivo historico portuguez*; *Chronica de El-Rei D. Affonso III*, por Ruy de Pina; *Cidades de Portugal*, por J. A. Corrêa; *Ceramica portugueza*, por José Queiroz.
- Sindim**—*Archeol. Port.*, VII, 267.
- Sines**—*Archeol. Port.*, VII, 268; *A nossa patria*, n.º 8, 1905; *Archivo historico portuguez*.
- Sinfães**—*Archeol. Port.*, IV, 254.
- Soajo (Serra de)**—*Archeol. Port.*, VIII, 72.
- Sobrado**—*Archeol. Port.*, VII, 268.
- Sobral de Mont'Agração**—*Alman. da Folha de Torres Vedras* para 1904; *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. X, 447.
- Sobreira Formosa**—*Archeol. Port.*, VII, 268.
- Sortelha**—*Archeol. Port.*, VII, 269; X, 203; *A nossa patria*, n.º 54 (1907); *Hist. de Portugal*, por Barbosa Colen, XI, pag. 9 e 611.
- Soure**—«Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; «Águas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alf. L. Lopes; *O Diario* n.º 1036, 1905.
- Soutello**—*Archeol. Port.*, V, 184, VII, 269, 271.
- Souzel**—*Archeol. Port.*, VII, 307; «Águas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alf. L. Lopes.
- Susães**—*Archeol. Port.*, VII, 271.

- Tabaçô**—*Archeol. Port.*, VII, 272.
- Taboado**—*Archeol. Port.*, VII, 272.
- Tagilde**—*Portugalia*, I, 851.
- Tancos**—O castello de Almourol (*A Extremadura portugueza*, por Alberto Pimentel). Vej. ALMOUROL.
- Tangil**—*Archeol. Port.*, VII, 319.
- Tarouca**—«Dicc. dos architectos» pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., 520; *Archeol. Port.*, VII, 320; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros.
- Tarroso**—*Archeol. Port.*, VII, 320.
- Tavarede**—*Elementos para a historia do concelho da Figueira* por P. Fernandes Thomás.
- Tavira**—«Dicc. dos architectos» pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., 507; *Archeol. Port.*, VII, 320; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; «Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alf. L. Lopes; Assistance maritime. Les «Compromissos» de la Côte d'Algarve par J. M. de Mello de Mattos; «Istoria do cativoiro dos presos d'estado da Torre de S. Julião da Barra de Lisboa» por J. B. da Silva Lopes; «A arte em Portugal e o sr. Malheiros Dias» por José Queiroz (art. no *Diario de Noticias*, 23, out., 1905); «Ruines d'antiques établissements à salaisons sur le littoral sud du Portugal» pelo dr. A. Mesquita de Figueiredo (Separ. des *Annales de la Faculté des Lettres de Bordeaux et des Universités du Midi*, *Bulletin Hispanique*, n.º 2, 1906; *Chronica de El-Rei D. Affonso III*, Ruy de Pina; *Archivo historico portuguez*; *Cidades de Portugal*, por J. A. Corrêa; *Brasil-Portugal*, 1-7.º-07; *Ceramica portugueza*, por José Queiroz.
- Teixoso**, termo da Covilhã—*Minas e mineiros*, pelo dr. Sousa Viterbo.
- Tellões**—*Portugalia*, t. II, 283.
- Thomar**—«Dicc. dos architectos» pelo dr. Sousa Viterbo, II, 508; *A architectura religiosa na Idade Media*, pelo conselheiro Augusto Fuschini; *Serões*, n.ºs 13 e 14; *Primeiro de Janeiro*, n.º 97, 1904; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *A ala dos namorados*, rom. hist. por Antonio de Campos Junior (*Diario de Noticias*, 1905); *A nossa patria*, n.º 16; *Minas e mineiros*, pelo dr. Sousa Viterbo; *O Paço de Cintra*, pelo conde de Sabugosa; *Paços reaes*, palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; Monument de D. Sébastien (*Notice sur quelques monuments historiques*

portugais, par Manuel Roquette); *Portugal contemporaneo*, por A. Forjaz; *Cidades de Portugal*, por J. A. Corrêa; Historia da Beneficencia publica em Portugal, por Victor Ribeiro (*O Instituto*, vol. 53.º, pag. 3); *A missão de Portugal e o monumento de Thomar*. Conferencia realisada no Convento de Christo no dia da excursão scientifica da Sociedade de Geographia de Lisboa á cidade de Thomar, por Vieira Guimarães (Lisboa, 1905); *Arquivo historico portuguez*; *A nossa patria*, n.º 32; *A Extremadura portugueza*, por Alberto Pimentel.

Tondella—*O Caramulo*, por Thomaz da Fonseca (*Serões*, julho de 1907).

Torre d'Ares—*Archeol. Port.*, v, 174.

Torre de D. Chama—*Archeol. Port.*, v, 200; VIII, 215; x, 239. «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros.

Torre de Dornes—*Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., IX, 357, 639.

Torre de Moncorvo—*Bol. dos Archit. e Archeol. Port.*, t. x, 586.

Torres Novas—*Brasil-Portugal*, 1899, n.º 11; 1904, n.º 136; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Archeol. Port.*, IX, 300; *O Paço de Cintra*, pelo conde de Sabugosa; *Portugal contemporaneo*, por A. Forjaz; *Chronica de El-Rei D. Sancho I*, por Ruy de Pina; *Arquivo historico portuguez*; *A arte e a nat. em Portugal*, fasc. n.º 70; *A Extremadura portugueza*, por Alberto Pimentel.

Torres Vedras—O tumulo dos Perestrellos, por Gabriel Pereira (*Pas-satempo*, n.º 92, 1904); *O anel mysterioso*, por Alberto Pimentel; «Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alfredo L. Lopes; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Almanach Palhares*, 1905; *Archeol. Port.*, x, 278; *O Paço de Cintra*, pelo conde de Sabugosa; *Paços reaes*, palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; *Notice sur quelques monuments historiques*, par Manuel Roquette; *Diario de Noticias*, 26-12-05, 3-1-06; *Arquivo historico portuguez*; Quinta das Lapas, por Gabriel Pereira (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Por.*, n.º 8, t. x); *Torres Vedras*, Notas de arte e archeologia, por Gabriel Pereira (1906); *A nossa patria*, n.º 63; *Memorias de Bulhão Pato*, t. III, (1907); *Portugal contemp.*, por A. Forjaz; *Illustr. portug.*, 30-IX-07.

Trafaria—*O Paço de Cintra*, pelo conde de Sabugosa; Construcção

do lazareto (*Elem. para a hist. do mun. de Lisboa*, por Freire de Oliveira, XIV, 170).

Trancoso—«Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Brasil-Portugal*, 1904, n.º 141; *A nossa patria*, n.º 10, 1905; *A villa de Trancoso*, folhetins por I. de Vilhena Barbosa, no *Commercio do Porto* de 1872; *Paços reaes*—palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; *Batalhas dos Portuguezes*, por A. Osorio de Vasconcellos; *Portugal contemporaneo*, por A. Forjaz.

Turquel—*A nossa patria*, n.º 7, 1905; O pelourinho de Turquel, artigo de Sebastião da Silva Leal (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 6, t. x); Diversos pelourinhos do districto de Leiria, por Sá Villela (*Leiria illustrada*, n.ºs 126 e 127, 1907).

Unhaes da Serra—«Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alfredo L. Lopes; *Recordações e viagens* por Anthero de Figueiredo.

Valença—«Dicc. dos architectos» pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., 501; *O Diario* n.º 1001, 1905; Villa e Praça de Valença, folhetins por I. de Vilhena Barbosa, no *Commercio do Porto* de 1872; *O Paço de Cintra*, pelo conde de Sabugosa; *Oito dias no Minho*, por G. C.; *Jornadas no Minho*, por D. João de Castro; *Chronica de El-Rei D. Sancho I*, por Ruy de Pina; *Portugal contemporaneo*, por A. Forjaz; *Chronica de El-Rei D. Affonso II*, por Ruy de Pina.

Valhelhas—*Chronica de El-Rei D. Sancho I*, por Ruy de Pina.

Vallada—*A Extremadura portugueza*, por A. Pimentel.

Valle de Mourão—«Dicc. dos architectos» pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., 502.

Valle de Santarem—*A Extremadura portugueza*, por A. Pimentel.

Vallega—*Hist. de Port.*, de P. Chagas, 3.ª ed., IX, 253, 289, 297, 473, 634, 638, 641.

Vallongo, termo do Porto—*Minas e mineiros*, pelo dr. Sousa Viterbo; *Primeiro de Janeiro* n.º 228, 1904; *O Bosquejo historico* desta villa foi publicado por F. J. Ribeiro Seára, e não Ribeiro Serra. Tambem por lapso saiu como referente a esta villa a descripção do Castello romano por Gabriel Pereira, adiante cit.; *A Villa de Vallongo, suas tradições e historia, descripção, costumes e monumentos*, pelo rev. Joaquim Alves Lopes Reis (1905).

Vallongo, perto de Evora—*O Castello romano de Vallongo*, por Gabriel Pereira (*Revista archeologica*, III, pag. 65).

- Vaqueiros**—*Cruzeiros notaveis*, pelo dr. Sousa Viterbo (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 8, t. x).
- Varatojo**—*Mosteiros reaes*, por Mimoso Ruiz.
- Venade**—Cruzeiro de Venade (*Bol. dos Archit. e Archeol. Port.*, XI, pag. 7).
- Vendas Novas**—*Portugalia*, II, 83; *Paços reaes*—palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; *Portugal contemporaneo*, por A. Forjaz.
- Verride**—«Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alfredo L. Lopes.
- Vianna do Alemtejo**—Egreja matriz, do seculo XIV, reconstruida em estylo manuelino (*Archeol. Port.*, IX, n.º 11 e 12 e pag. 271 a 288); *Portugal artistico*, 1.ª série, pag. 278; *A nossa patria*, n.º 30; «Paginas archeologicas, II; Antiquidades de Vianna do Alemtejo», pelo dr. Felix Alves Pereira; *Ceramica portugueza*, por José Queiroz; *Diario de Noticias*, n.ª 14666.
- Vianna do Castello**—*Construcção moderna*, n.º 121; Relatorio da assistencia nacional aos tuberculosos, 1902-03, pag. 81; «Os portos maritimos de Portugal e ilhas adjacentes» pelo conselheiro Adolpho Loureiro; *Brasil-Portugal*, 1899, n.º 14, 1903, pag. 297; «Exposição de arte ornamental do districto de Vianna» em agosto e setembro de 1896, por Figueiredo da Guerra (Porto, 1898); «Indicador na Exposição de arte ornamental de Vianna do Castello»; «Planta da cidade de Vianna do Castello. Desenhada em novembro de 1855 por Fortunato Anselmo Damasio; Historia d'um fogo morto (subsídios para uma historia nacional) 1258-1848. Vianna do Castello (Factos politicos e militares)—Porto, 1904; *Archeol. Port.*, IX, pag. 182; *O Paço de Cintra* pelo conde de Sabugosa; *Oito dias no Minho* por G. C.; *Cidades de Portugal*, por J. A. Corrêa; *As alegres canções do norte*, por Alberto Pimentel; *Ceramica portugueza*, por José Queiroz; Artigo por Teixeira de Queiroz nas *Novidades*, 24-4.º-06; *Bol. dos Archit. e Archeol. Port.*, t. x, 583; *Jornadas no Minho*, por João D. de Castro; *Portugal contemporaneo*, por A. Forjaz; *Diario de Noticias*, n.º 14628 (1906).
- Viatodos**; conc. de Barcellos—*Portugalia*, II, 110.
- Vidigueira**—*O Diario*, n.º 807, 1904; *Chronica dos Carmelitas*, por Fr. José Pereira de Sant'Anna, t. 2.º

- Villa Boim**—*Relação do bispado d'Elvas* pelo dr. Antonio Gonçalves de Novaes (Lisboa, 1635).
- Villa Chã**, freg. de Tellões, conc. de Villa Pouca d'Aguiar.—*Portugalia*, II, 109.
- Villa da Ponte**—*A nossa patria*, n.º 62.
- Villa do Bispo**—«Ruines d'antiques établissements à salaisons sur le littoral sud du Portugal» pelo dr. A. Mesquita de Figueiredo (Sep. des *Annales de la Faculté des Lettres de Bordeaux et des Universités du Midi*, *Bulletin Hispanique*, n.º 2, 1906).
- Villa do Conde**—*Primeiro de Janeiro*, n.º 270, 1904; n.º 155, 1905; *Brasil-Portugal*, 1899, n.º 14; 1902, pag. 409; A casa portugueza, por R. Peixoto (*Os serões*, 2.ª série, n.º 3); «Os portos maritimos de Portugal e ilhas adjacentes» pelo conselheiro Adolpho Loureiro; «Instituições de beneficencia e associações de previdencia no districto do Porto» pelo visconde de Villarinho de S. Romão; *Jornadas no Minho*, por D. João de Castro; *Archivo historico portuguez*; Notas historicas por Monsenhor Ferreira (*Archeologo portuguez*, n.ºs 9 a 12, vol. XI).
- Villa Fernando**—*Portugal artistico*—Director, Eduardo Sequeira (650 illustr.), 1.ª série (1905).
- Villa Franca de Xira**—*Archivo historico portuguez*; *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. X, pag. 440; *A Extremadura portugueza*, por Alberto Pimentel.
- Villa Mou**, conc. de Vianna do Castello—*Estudos do Alto Minho*, IX—Um grovio authentico (Cippo de Villa Mou) pelo dr. Felix Alves Pereira.
- Villa Nogueira (Azeitão)**—*A nossa patria*, n.º 38.
- Villa Nova da Barquinha**—*A Extremadura portugueza*, por A. Pimentel.
- Villa Nova de Constancia**—*Brasil-Portugal*, vol. 8.º, pag. 245; *A nossa patria*, n.º 66.
- Villa Nova de Famalicão**—*O Diario*, n.º 821; *A nossa patria*, n.ºs 18, 35, 40, 45.
- Villa Nova de Foscôa**—*A nossa patria*, n.º 25; *Portugal contemporaneo*, por A. Forjaz.
- Villa Nova de Gaya**—Quinta de Cravel em S. Christovão de Mafamude (*A Jardinagem em Portugal*, pelo dr. Sousa Viterbo—*Instituto*, vol. 53.º, n.º 11); *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*,

- n.ºs 9 e 10, t. x; *Portugalia*, t. II, pag. 233; *A nossa patria*, n.º 39; *Cerâmica em Portugal*, por José Queiroz.
- Villa Nova de Oliveirinha**—*Ilustração portugueza*, 26-8.º-907.
- Villa Nova de Ourem**—*A nossa patria*, n.º 43; *A Extremadura portugueza*, por A. Pimentel.
- Villa Nova do Paiva**—*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, t. x, 450.
- Villa Pouca de Aguiar**—*Archeol. Port.*, IX, n.ºs 3 a 6, e pag. 49 a 59, 167 a 169.
- Villa Real**—«Elementos para a historia do municipio de Lisboa» por E. Freire d'Oliveira, XIII, 205; *Archeol. Port.*, IX, n.ºs 3 a 6, e pag. 53, 99, 166 e 167; *A casa portugueza*, por R. Peixoto (*Os serões*, 2.ª série, n.º 3); *O Paço de Cintra*, pelo conde de Sabugosa; *Ilustração portugueza*, 12-8.º-907; *As fragas de Panoias* (*Archeol. Port.*, XI, 63); *Archivo historico portuguez*.
- Villa Real de Santo Antonio**—*Brasil-Portugal*, vol. 8.º, 122; «Ruines d'antiques établissements à salaisons sur le littoral sud du Portugal» pelo dr. A. Mesquita de Figueiredo (*Sep. des Annales de la Faculté des Lettres de Bordeaux et des Universités du Midi, Bulletin Hispanique*, n.º 2, 1906).
- Villa Secca e Corujeira**, freg. de Gondar, conc. de Amarante—*Portugalia*, II, 74.
- Villa Velha**, prox. de Moncorvo—*Portugalia*, t. II, 287.
- Villa Velha de Rodam**—*A nossa patria*, n.º 35.
- Villa Verde**—Torre de Penegate (*Ilustração portugueza*, 2.ª série, n.º 7).
- Villa Viçosa**—*Occidente*, 1903, pag. 286, 288; *Alman. Palhares*, 1905; *A nossa patria*, n.ºs 13 e 16; *Antiquidades de Villa Viçosa*, por Belchior do Rego de Andrade; «A arte em Portugal e o sr. Malheiro Dias» por José Queiroz (art. no *Diario de Noticias*, 23, out., 1905); *O Paço de Cintra* pelo conde de Sabugosa; *A nossa patria*, n.º 23; *Paços reaes*, palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; «Observações sobre a divindade que os lusitanos conhecêrão debaixo da denominação de Endovelico» por D. Antonio da Visitação Freire (Lisboa, 1842); *Portugal contemporaneo*, por A. Forjaz; *A restauração de Portugal*, pag. 23 a 27; *Villa Viçosa*, pelo conde de Arnoso (opusculo in-4.º, 1906); *A nossa patria*, n.º 46; *Cerâmica portugueza*, por José Queiroz; *Bol. da R. A. dos*

- Archit. e Archeol. Port.*, n.º 2, t. XI, pag. 87; *Historia do Infante D. Duarte*, por José Ramos Coelho, t. I, pag. 18 e segg.
- Villar de Frades**—*Arte*—Arquivo de obras de arte (Porto, 1906).
- Villarinho de Cotas**—*Portugalia*, II, 263.
- Villar de Mouros**—*Portugalia*, II, 29.
- Vimioso**—*Portugal artistico*; director, Eduardo Sequeira (650 illustr.)
1.ª série (1905); *Ilustração portugueza*, 2.ª série, n.º 14.
- Vinhaes**—*Archeol. Port.*, IX, 36.
- Vista Alegre**—*Arte*—Arquivo de obras de arte, n.º 8 (Porto, 1905);
Ceramica portugueza, por José Queiroz.
- Vizella**—*Oito dias no Minho*, por G. C.
- Vizeu**—*Archeol. Port.*, IX, 11; *Portugal contemporaneo*, por A. Forjaz;
Chronica de El-Rei D. Sancho I, por Ruy de Pina; *A nossa patria*, n.º 61; Sé—Quadros de João Vasco (*Ilustração Portugueza*, 2.ª série, n.º 19); *Cidades de Portugal*, por José Augusto Corrêa; *Ilustração portugueza*, 19-8-07.
- Xabregas**—
Zezere— } *A Extremadura portugueza*, por Alberto Pimentel.

Monographias de que não houve conhecimento a tempo de poderem ser mencionadas na ordem alphabetica:

Coisas da nossa terra. Breves noticias da villa de Aldeia Gallega por José de Sousa Rama (Lisboa, 1906).

Descrição de Pontevél pelo Padre Nicolau da Silva Castro, tomo XXIX do *Diccionario geographico de Portugal*, existente na Torre do Tombo. Deste *Diccionario* nos occuparemos opportunamente.

A monographia de Alvor, por Francisco X. de Ataíde Oliveira, bacharel formado (Porto, 1907).



Relatorio do movimento da Bibliotheca da Associação em 1906

Senhores:

Em virtude da missão que tivemos a honra de nos ser confiada, cumpre-nos o dever de apresentar á Assembléa o relatorio do movimento da Bibliotheca desta Real Associação e submeter á apreciação do seu subido criterio os actos da nossa gerencia durante o anno findo de 1906.

Sentimos não ter competencia para dar a esta exposição a fórma elevada devida á auctoridade scientifica da Associação a quem a offercemos com aquelle acatamento que a sua respeitabilidade nos impõe; confiamos, porém, na indulgencia que sempre acompanha e distingue os espiritos illustrados e naquella benevolencia de que nos têm dado evidentes provas os nossos presados consocios, que nos serão relevadas as deficiencias que nella se encontrarem, desculpada a sua simplicidade e approvados os actos por nós praticados no desempenho do encargo que nos foi commettido.

No decorrer do anno findo deram entrada na Bibliotheca desta Associação 118 obras em 43 volumes, 43 folhetos e 288 fasciculos, escriptas em portugûes, hespanhol, francez, inglez e italiano; devidas a offerta das seguintes entidades: Ministerios, do Reino e de Obras Publicas.

Academias; Real de Sciencias de Lisboa e de Inscriptões e Bellas —Lettras, de França.

Albergue dos Invalidos do Trabalho.

Associações: de Architectos da provincia de Quebec, no Canadá; de Architectos de Ontario; Artistica—Archeologica Barcelonesa; dos Conductores de Obras Publicas; dos Engenheiros Civis Portuguezes; do Magisterio Secundario Official; de Soccorros Mutuos dos Artistas de Coimbra.

Ayuntamiento Constitucional de Barcelona.

Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Camaras Municipaes: de Lisboa; da Figueira da Foz e de Povoia de Varzim.

Commissão Archeologica da India Portugueza, e da de Trocas Internacionaes.

Congressos: Internacional de Anthropologia e Archeologia pre-historica; Internacional de Architectos, realisado em Madrid em 1904.

Cooperativa Predial Portugueza.

Corpo Facultativo dos Archivos, Bibliothecas e Museus de Hespanha.

Direcções: Geral de Instrucção Publica, e da Portugalia.

Empreza das Aguas de Vidago; Escola Especial de Architectura de Paris, de que é director o nosso consocio correspondente Emile Trélat.

Inspecção das Bibliothecas e Archivos Nacionaes.

Institutos: Americano de Architectos; Camara Pestana e de Coimbra.

Museu Ethnologico Portuguez.

Real Academia de Bellas-Lettras de Barcelona; Real Academia de Sciencias e Artes de Barcelona e Real Sociedade Nacional de Horticultura de Portugal.

Sociedades: Castelhana de Excursões; Central de Architectura da Belgica; de Geographia de Lisboa; Gerson; de Historia, Archeologia e Litteratura de Beaume; Martins Sarmiento, de Guimarães; Nacional de Bellas-Artes; Protectora das Cozinhas Economicas; e Sicilianna de Historia Patria.

Pela designação destas entidades se pôde deprehender a natureza das materias que tratam as publicações por ellas enviadas á nossa Associação; outro tanto não acontece com as obras offerecidas por obsequio pessoal; por isso deliberamos para intelligencia dos nossos consocios, embora isso torne mais longa esta modesta exposição, dar-lhes conhecimento do titulo das obras que gentilmente nos foram offertadas pelos seguintes senhores:

Antonio Cezar Mena, «A Casa onde falleceu Bocage»; Antonio Francisco Barata, «O Alemtejo historico, religioso, civil e industrial no districto de Evora»; Antonio Francisco Moniz Junior, «Noticia e documentos para a historia de Damão»; Antonio de Sousa da Silva Costa Lobo, «Portugal e Miguel Angelo Buonarroti,—Interpretação de um grupo do juizo final na capella Sixtina»; Doutor Arthur Lamas, tres folhetos; primeiro: «Medalhas de D. Miguel»; segundo: «Medalhas

dedicadas á Infanta D. Catharina, rainha de Inglaterra»; terceiro: «Medalhas da guerra da successão de Hespanha referentes a Portugal»; Casalis de Fondue, «Tumulus Hallstatiens des causses du Gard»; Émile Travers, «Allocution prononcée à la distribution des prix de Écoles des Beaux-Arts de la ville de Caen»; Francisco José da Costa, «Tratamento Homoeopathico»; Doutor Felix Alves Pereira, «Um erro de amanuense nas inquirições de D. Affonso 3.º»; Gabriel Pereira, «Torres Vedras—Notas d'arte e de Archeologia»; Giacomo Tropea, «Rivista di storia antica»; José Fortes, «La sépulture de quinta da Agua Branca» e «Necropole Lusitano-Romana da Lomba, concelho d'Amarante»; Manoel da Cunha Brandão, «Resumo da historia de geographia»; Manoel Joaquim de Campos, «Contos para contar—Exemplares ineditos»; Doutor Mendes dos Remedios, «Moedas Romanas da Bibliotheca da Universidade de Coimbra»; Mesquita de Figueiredo, «Ruines d'antiques établissements à salaison sur le littoral sud de Portugal»; Mimoso Ruiz, «Aberração de amor»; Monsenhor Elviro dos Santos, «Relatorio e contas da Commissão de Irmãos da veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa, sita na ermida de Nossa Senhora da Assumpção e S.º Antonio do Valle, que deliberou offerecer ao muito Rev.º Juiz da mesma Irmandade Mg.º Alfredo Elviro dos Santos o seu retrato a oleo em tamanho natural»; outro folheto, Relatorio e contas da referida Irmandade relativo ao anno economico de 1905-1906.

Monsenhor Bulic, «Bullettino di archeologia e storia Dalmata»; Picotas Falcão, «Da evolução dos estylos e dos methodos na pintura expressiva e nas artes decorativas»; Padre Silva Tavares, «Broteria—Revista de sciencias naturaes do Collegio de S. Fiel»; Sousa Viterbo, «Duarte Galvão e sua familia,—Elementos para o estudo da sua biographia»; «Noticia de alguns pintores portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal», é a segunda parte desta interessante publicação; Thomaz Pires, «Cancioneiro popular politico—Trovas recolhidas da tradicção popular».

Recebemos com pontual regularidade o Diario do Governo e das redacções que recebem o Boletim desta Sociedade, tiveram a gentileza de nos retribuir enviando-nos exemplares dos seus jornaes as seguintes: da Construcção Moderna; dos Interesses publicos; da Leiria Illustrada; das Noticias de Lisboa; das Novidades e do Primeiro de Janeiro. Aqui lhes manifestamos o nosso sincero agradecimento por esta prova de attenção.

O sr. Silva Leal offereceu á Bibliotheca da Associação uma vista da egreja da Flôr da Rosa, outra da porta lateral da egreja de Villar de Frades, e ainda uma outra do tumulo de D. Manuel de Moura, existente na capella de Nossa Senhora da Penha de França em Ilhavo.

Do sr. Rocha Dias recebemos cinco vistas de Pinhel, e do sr. Gabriel Pereira, sete photographias de edificios nacionaes notaveis pela sua antiguidade e architectura.

De livrarias nacionaes e estrangeiras foram-nos enviados quinze catalogos, interessantes pelas novidades que offerecem e provam que o movimento litterario e scientifico continua progredindo com notavel actividade.

Mandámos encadernar 78 volumes correspondentes a 22 obras, e tencionamos continuar dando o possivel desenvolvimento a este ramo das nossas attribuições, não só para melhorar o aspecto da Bibliotheca como, e principalmente, para garantir a conservação das obras e facilitar o seu inventario.

Continuamos a receber, por assignatura, a «Arte e Natureza em Portugal»; o «Diccionario Portuguez»; e a «Nossa Patria» e comprámos os «Dois Plinios», publicação devida á apurada penna do nosso consocio o sr. Visconde de Castilho.

Teve o sr. Silva Leal a amabilidade de nos querer coadjuvar na collocação das photographias na estante propria para a sua exposição, e que em tempo adquirimos para a Bibliotheca.

Não nos sendo possivel acompanhar esse trabalho por falta de saude e de tempo, encarregou-se o nosso prestante consocio de o executar, o que effectuou com perseverante paciencia, indispensavel naquelle trabalho, dedicação e competencia.

Temos a satisfação de lhe renovar a expressão do nosso reconhecimento pela boa vontade e interesse com que levou a termo esse penoso trabalho.

Da dotação da Bibliotheca não nos sobramos meios para poder effectuar algumas compras de obras que muito desejavamos adquirir.

Pelas contas do nosso digno e muito zeloso Thesourceiro terá a Associação conhecimento do emprego que fizemos da dotação votada para despezas da Bibliotheca.

Tivemos occasião de mencionar a Comissão de Trocas Internacionaes, e é dever lembrar que lhe devemos obras de reconhecido merito que opulentam a nossa Bibliotheca.

Esta prestantissima instituição deve-se á iniciativa particular d'um medico militar francez, Monsieur Wattemar, cuja memoria merece o reconhecimento e respeito de todo o homem culto.

Abandonando a sua carreira para abraçar a arte dramatica, percorreu, durante vinte annos, no exercicio da sua profissão, os paizes civilisados dos dois hemispherios.

Dotado dum espirito curioso, intelligencia penetrante e surpreendente memoria, aproveitou todos os momentos de ocio que lhe permitiam os trabalhos da sua arte, para desenvolver a sua illustração, visitando bibliothecas, archivos e museus dos paizes em que se achou, e entreter relações com homens de letras e artistas que em breve lhe descobriram a variedade de conhecimentos, nobresa de character e austeridade de principios.

Á curiosidade que procurava o actor, succedeu o interesse, a consideração e estima pelo homem illustrado e digno que mereceu a intimidade de Goethe, d'Olbers, de Schleiermacher, Battiger e de Gottfried Hermann, na Allemanha; em Inglaterra e na Irlanda, de O'Connell, de Walter Scott e de Moore; na Russia, de Pouchkine.

Nas visitas aos estabelecimentos a que nos referimos, notou grandes faltas de exemplares estrangeiros e superabundancia de duplicados nacionaes armazenados, sem applicação e proveito que teriam noutros paizes, o que lhe despertou a idea de preencher essas lacunas por meio duma agencia que se encarregasse da troca desses duplicados, mantendo relações scientificas, gratuitas e constantes de povo a povo.

Consciente que á sciencia não se oppõem as barreiras que a politica levanta entre as nações; que para os sabios não ha distincção de nacionalidades nem prevenções politicas, que a descoberta dum é a conquista de todos, e que graças a esta fraternidade de talentos, a esta federação de intelligencias, a sciencia eleva-se e desenvolve cada dia os dominios da humanidade, principiou a propaganda da sua generosa concepção com um enthusiasmo fanatico pela realisação da sua idéa; resistindô com energia a todos os obstaculos e difficuldades que se lhe deparavam!

Para levar a effeito a sua propaganda apprehendeu numerosas viagens, tanto na America como na Europa; manteve activa e numerosa correspondencia; dirigiu-se a varios Monarchas expondo-Lhes o seu planô; conferenciou com homens d'estado ou que pela sua posição o podiam coadjuvar na sua louvavel empresa, e em todos achou franca protecção e decidido apoio!

Em 1833 realisava-se a primeira permuta por sua intervenção, entre o Duque de Blaca e o general prussiano Conde de Liliensterne. Um Eugénio da collecção do primeiro tomou o lugar d'um Miguel III no medalheiro do segundo e assim, completaram dois numismatas duas séries do Baixo-Imperio.

Em seguida conseguiu que entre differentes nações se effectuassem importantes trocas de livros, manuscripts, objectos d'arte e de historia natural.

As varias phases de prosperidade, ou de decadencia desta instituição; os trabalhos, os esforços, as fadigas que áquelle benemerito custou a conservação da sua boa e louvavel obra, dava margem para larga e interessante descripção que não tem logar nem cabe nos limites deste singello relatorio.

Depois de ver realisado, em parte, o seu ideal, sorrir-lhe a lisongeira esperanza de fundar a sua obra em bases solidas e duradouras, vieram as desillusões, a contrariedade, a ruina da saude!

Prostrado por doença que o levou em breve á sepultura; conhecendo que poucas horas lhe restavam de vida, dictou da cama, a 29 de Fevereiro de 1864, uma carta dirigida ao ministro de Instrucção Publica de França, Monsieur Duruy, exprimindo-lhe a angustia, a magua, o desalento que lhe causava ver a sua obra de trinta e um annos de incessantes trabalhos, sossobrar com o termo da sua existencia!

Rogava-lhe a sua intervenção para que o Estado a tomasse sob a sua égide e lhe garantisse o futuro que podia vivificar com os immensos recursos de que dispõe, e prestar todos os serviços que se esperam de semelhante instituição.

Consagrou o seu ultimo pensamento á sua obra civilisadora, monumento elevado ao bem publico e de gloria para o seu inclito fundador! Em 1867 principiou uma nova época para as trocas internacionaes por accordo de differentes paizes que estabeleceram as Comissões que são hoje bem conhecidas dos estudiosos e que tão relevantes serviços prestam ás letras, ás artes e ás industrias.

Continua preocupando os sabios de todos os paizes civilizados o desenvolvimento dos differentes ramos da sciencia, e nutrido a esperanza que não afrouxará o extraordinario progresso que assignalou o seculo passado, que se não creou sciencia nova, a não ser a sociologia, largo e profundo incremento imprimiu a todas as outras.

A astronomia, a geologia, historia natural, chimica, physica,

physiologia vegetal e animal, tudo caminhou á busca da verdade absoluta!

Em astronomia tornaram-se notaveis os trabalhos de Piazzzi, de Gauss, Leverrier, Lassell, Herschel, Secchi e Arago.

Em geologia foi abandonada a doutrina das revoluções ou cataclismos do globo, e substituída por Lyell, depois dum profundo estudo do nosso planeta, por modificações lentas e constantes sob a influencia de forças que continuam actuando sobre a terra.

A paleontologia, creada por Cuvier, desenvolveu-se extraordinariamente, graças aos trabalhos de Brougniart e outros paleontologos, bem conhecidos no mundo scientifico pelos seus estudos que forneceram preciosos subsidios para os progressos da anthrologia e provam que a humanidade percorreu uma lenta gradação de phases antes de attingir a sua actual perfeição physica e moral.

Conseguiu a chimica produzir um grande numero de substancias organicas extrahidas de materias mineraes; problema, até então, julgado insolúvel!

Renovou a physica o principio da indestructibilidade das forças, e levou a tal auge a perfeição das suas pesquisas, que hoje podemos ler na luz dos astros a natureza da materia que os constitue!

Transformou-se a physiologia completamente. Com o auxilio da chimica e da physica descobriu a origem das forças manifestadas pelos nossos orgãos e calcula a que transformação de tecidos corresponde a producção duma quantidade de força dada; por exemplo: o movimento muscular.

Possue instrumentos que registam os mais secretos movimentos do coração, as mais leves modulações da voz humana; outros que permitem ler nos orgãos mais reconditos!

Mede a rapidez da propagação da vontade e da sensação atravez dos nervos e calcula com precisão as fracções de segundo necessarias ao cerebro para conceber uma idéa!

Estes assombrosos progressos e as delicadas experiencias de Fechner, Helmholtz, Wundt e outras notabilidades, alargaram os limites do campo da psychologia e abriram imprevistos horisontes áquella sciencia.

Não ficou a archeologia extranha a esta singular evolução. Númerosos e insignes archeologos apoiados no methodo scientifico estabelecido por Winkelmann, verdadeiro fundador da archeologia, deram notavel expansão a esta sciencia; salientando-se Zoëga, Otfried Mul-

ler, Ennio Visconti, Schliemann, Owen, Bourgeois, Mortillet, Lartet, Cartailhac e outros philomaticos que ligaram o seu nome a importantes descobertas e notaveis estudos.

Champollion immortalisa-se achando a chave dos hieroglyphos em 1821, e abre um vasto e rico campo de exploração a eruditos cuja penetração, muitas vezes, attingiu as raias do genio!

O vice-rei do Egypto encarrega um sabio francez, egyptologo distincto, M.^r Mariette, de importantes investigações no valle do Nilo, e funda em Boulaq um interessante museu com os objectos encontrados em fecundas explorações.

A França estabelece no Cairo uma escola de egyptologia sob a auctorisada direcção de Maspero.

Longe vae o tempo em que começaram a ser cultivados os estudos archeologicos em Portugal; porém, depois de fundada esta Real Associação, organisada a sua propaganda, conhecidos os seus trabalhos e publicados importantes estudos dos seus membros, que pela sua erudição muito honram esta corporação, é que irradiou o gosto e se desenvolveram os progressos da archeologia no nosso paiz com rapidez, melhor orientação e mais efficacia nos seus resultados.

Aos esforços de sabios archeologos, ou de intelligentes amadores, se deve a fundação de varios museus de antiguidades que se tem instituido entre nós com applauso do publico illustrado.

Confiamos que novos apostolos da sciencia e do trabalho, da civilisação e do progresso, seguindo a orientação positivista, lucidamente iniciada por Bacon; apoiados na observação rigorosa dos factos; pondo de lado tudo que se não vê, comprehende, palpa e demonstra; não afirmando senão o que existe, póde provar e cáe sob os nossos sentidos; sem exagerações poeticas nem caprichos da imaginação, conseguirão alcançar novos triumphos para a sciencia e enriquecer esse precioso cabedal de conhecimentos conquistados com tanto esforço perseverança e brilho pelo espirito humano!

Conquistas que inspiram, a todo o homem culto, a mais viva, a mais enthusiastica, a mais legitima admiração!

Lisboa, 6 de Março de 1907.

O Conservador da Bibliotheca

VISCONDE DA TORRE DA MURTA.

**Mappa demonstrativo das obras recebidas para a Bibliotheca
da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes
durante o anno de 1906**

Designação das materias	Numero de obras	Numero de volumes	Numero de folhetos	Numero de fasciculos
Historia	12	11	2	4
Architectura	7	5		6
Archeologia	17	6	6	37
Numismatica	3	1	4	
Geographia	2	1		13
Sciencias naturaes	1	1		
Bibliographia	5			10
Polygraphia	69	18	31	218
	116	43	43	288

REAL ASSOCIAÇÃO
DOS
ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ACTA N.º 26

Sessão de Assembléa geral em 23 de Outubro de 1907.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Rosendo Garcia d'Araujo Carvalho,
Vice-Presidente Architecto.

Secretarios, Rocha Dias e o sr. Costa Campos.

Abertura ás 8 e meia horas da noite, achando-se presentes, além da mesa, os seguintes socios, srs.: Sebastião da Silva Leal, Julio Augusto Ferreira, Jesuino Arthur Ganhado, Evaristo Gomes, Antonio Felix da Costa, José Queiroz, Antonio Cesar Mena Junior, dr. José Leite de Vasconcellos, Francisco Soares O'Sullivand, José Alexandre Soares, dr. Arthur Lamas e Victor Ribeiro.

O sr. Presidente, declarando aberta a sessão, disse que Portugal acabava de soffrer uma sensível perda com o fallecimento de Alfredo Christiano Keil, que, pela sua excepcional envergadura artistica, se distinguuiu altamente, prestando verdadeiros serviços á archeologia, sobretudo á arte retrospectiva do nosso paiz. Amante devéras dedicado dessas deliciosas velharias que o passado nos legou, Alfredo Keil dispunha de uma parte da sua avultada fortuna na aquisição de exemplares rarissimos, que constituem hoje um dos museus privados mais importantes, por elle franqueado a quantos desejavam visital-o. Todas as associações archeologicas do paiz devem interessar-se pelo caminho que esse museu póde levar, principalmente a collecção de instrumentos musicos. Se a familia do fallecido tiver de os alienar, deve ser chamada a attenção dos poderes officiaes para impedirem que os estrangeiros adquiram preciosas collecções que significam o devotado trabalho de um portuguez benemerito, de um archeologo por muitos titulos respeitavel.

Alfredo Keil conseguiu impor a sua individualidade como um dos

cultores mais notáveis do nosso meio artistico; foi um musico e um pintor distinctissimo. Em exposições no estrangeiro apresentou os seus quadros que muitas vezes obtiveram recompensas. Consagrando-se á Arte com inteira devoção civica, sacrificou-lhe muito dos seus haveres, nada obteve do Estado.

Propunha, portanto, um voto de profundo sentimento pela deploravel perda deste illustre cidadão e que á Ex.^{ma} Viuva do extinto seja communicado por uma Commissão delegada da Associação.

Approvedo por aclamação.

Foi lida e approvada sem discussão a acta da sessão antecedente. Deu-se conta da seguinte correspondencia:

Um officio da Camara Municipal de Extremoz enviando photographias de tres fragmentos de pelourinho daquelle municipio.

Participação de M.^{me} Veuve Nina Meili Schiffmann de que em 26 de Setembro ultimo fallecera em Zurick Monsieur Jules Meili, socio correspondente desta Associação.

Officio da Direcção do Atheneu Commercial de Lisboa communicando o resultado das eleições ha pouco realisadas naquella collectividade, com a lista completa dos seus corpos gerentes no presente anno economico.

Justificação de falta dos srs. dr. Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos por estar ainda em Cascaes e thesoureiro Ernesto da Silva, por incommodo de saude.

O sr. dr. Arthur Lamas propoz um voto de sentimento pela morte do socio correspondente e notavel escriptor de numismatica, Monsieur Jules Meili, de Zurick, e que da approvação deste voto se desse conhecimento á desolada viuva.

Foi approvedo.

O sr. dr. Leite de Vasconcellos fez uma communicação muito interessante sobre as obras de Jules Meili.

A pedido do sr. Presidente, o mesmo sr. Vasconcellos disse que havia de remettel-a para a direcção do nosso *Boletim*.

O sr. dr. Arthur Lamas agradeceu as referencias que á sua pes-

Esta recomeçada
N.º

soa eram feitas nesta comunicação, participou que o sr. João Rodrigues Fernandes não podia comparecer na presente sessão e pediu que se reclamassem do Ministerio das Obras Publicas as indispensaveis reparações no coroamento do edificio do Museu. Segundo vira nos jornaes, na noite de 21 para 22 do corrente despenhára-se sobre o telhado de uma casa pertencente ao quartel da Guarda Municipal, do lado da rua do Carmo, uma pedra que pesaria approximadamente cem kilogrammas. Por um feliz acaso, não houve desastres pessoases, porémurgia evitar que se dêsse novo desmoronamento.

O sr. Presidente disse que já em 1905, conforme consta do officio que foi lido, esta Associação representára ao Ministerio das Obras Publicas, fazendo ver o perigo que ameaçavam algumas pedras do coroamento do edificio, que tinham sido deslocadas pelos fios telegraphicos e telephonicos; mas não se conseguira mais do que a ordem á repartição competente para elaborar o orçamento respectivo.

Agora, em vista do occorrido, novamente ia officiar-se áquelle Ministerio, repetindo instancias sobre este assumpto que tanto interessa á segurança publica.

Accrescentou o sr. Presidente que nos fins do mez passado o illustre socio effectivo sr. coronel Malaquias de Lemos, dignissimo commandante das guardas municipaes, attendendo o pedido que o secretario Rocha Dias lhe dirigiu em carta particular, ordenára ao engenheiro das obras do Carmo que mandasse com urgencia proceder a uns pequenos concertos nos terraços, para evitar que as aguas pluviaes continuassem a cair no interior de duas salas do Museu, onde podiam causar maiores prejuizos, que desta fórma foram evitados.

A assembléa votou reconhecida que se registasse na acta a solidude que o sr. coronel Malaquias de Lemos mais uma vez revelou em favor da Associação.

Passou-se á votação das propostas, já approvadas pelo Conselho, para serem admittidos a socio effectivo, o sr. Gustavo de Mattos Sequeira, e a socio correspondente o sr. Viriato Antonio Caetano Braz de Albuquerque, residente em Goa. Quanto á 1.^a entraram na urna da approvação 15 espheras brancas e na da contraprova o mesmo numero de espheras pretas.

Egual votação se verificou em relação á 2.^a proposta.

O sr. Presidente disse que ia proceder-se á eleição da gerencia para 1908.

Interrompeu-se a sessão por alguns minutos para se prepararem as listas.

Reaberta a sessão, e feita a chamada, votaram 15 socios.

Convidados para escrutinadores os srs. José Alexandre Soares e Antonio Cesar Mena Junior, verificou-se que foram eleitos:

Presidente da Mesa—Conselheiro Augusto José da Cunha por 15 votos.

Vice-Presidente (Architectura)—Rosendo Garcia de Araujo Carvalho, 14.

Vice-Presidente (Archeologia)—Conde de Sabugosa, 13.

Secretario (Architectura)—Francisco Carlos Parente, 13.

Secretario (Archeologia)—Eduardo Augusto da Rocha Dias, 14.

Vice-Secretario (Architectura)—Alfredo Maria da Costa Campos, 11.

Vice-Secretario (Archeologia)—Victor Maximiano Ribeiro, 12.

Thesoureiro—Ernesto da Silva, 15.

Conservador da Bibliotheca—Visconde da Torre da Murta, 15.

Conservador do Museu—Gabriel Victor do Monte Pereira, 15 e José Joaquim d'Ascensão Valdez, 14.

Conservadores adjuntos—Antonio Cesar Mena Junior, 13 e Julio Augusto Ferreira, 12.

Tiveram votos:

Para Vice-Presidentes, dr. Leite de Vasconcellos, 1; Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, 2.

Para Secretario (Architectura) José Alexandre Soares, 2;

Para Vice-Secretario (Architectura), João Rodrigues Fernandes, 3; Evaristo Gomes, 1.

Para Vice-Secretario (Archeologia), João Rodrigues Fernandes, 2; dr. Arthur Lamas, 1; Sebastião da Silva Leal, 1.

Para Conservador do Museu, Mena Junior, 1.

Para Conservador adjunto, Jesuino Arthur Ganhado, 5.

Resolveu-se que, para corresponder ao officio recebido da Direcção do Atheneu Commercial de Lisboa, se lhe enviasse nota do resultado desta eleição.

O sr. Presidente agradeceu a sua reeleição, renovando os seus votos para que a prosperidade da Associação dia a dia se accentue.

Congratulou-se por ver mais uma vez reeleito o sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, cuja biographia e serviços publicos são lar-

gamente conhecidos e que tem radicado o seu nome nesta Associação a iniciativas de altissimo valor, taes como as primeiras obras que se effectuaram para mais completo melhoramento do Museu e o ter conseguido auctorisação para que na typographia da Casa da Moeda se imprimisse o nosso *Boletim*.

Declarou associar-se ao voto de louvor que foi approvado numa sessão em que não esteve presente e que se consignou na acta pelo notavel trabalho sobre *Ceramica Portuguesa*, que o nosso illustrado consocio sr. José Queiroz acabava de publicar.

E com referencia á commissão nomeada para a reforma dos Estatutos da nossa Associação, ponderou que na remodelação projectada conviria não esquecer que ha aqui uns elementos conservadores que importa respeitar; não se deve querer que nessa reforma fique estabelecido o que existe de mais avançado em legislação associativa, mas tão sómente o que fôr compativel com o nosso modo de ser tradicional.

Pede a qualquer dos membros dessa Commissão que lhe dê alguma informação sobre o andamento dos seus trabalhos.

O sr. Silva Leal propoz que se officiasse á Confraria do Bom Jesus de Fão, proximo de Espozende, pedindo-lhe que mandasse collocar em face daquella egreja, onde se está procedendo a reparações, um cruzeiro que se encontra abandonado naquella localidade.

Assim se resolveu.

Os secretarios, sr. Costa Campos e Rocha Dias agradeceram a sua reeleição.

O sr. Julio Ferreira tambem agradeceu o ter sido eleito para o cargo de conservador adjunto. Informando a assembléa de que nos ultimos tempos se tem dedicado a estudar as bibliothecas em toda a sua evolução, e fazendo sobre este ponto varias declarações, disse que lhe parecia facil conseguir-se da Bibliotheca Nacional de Lisboa para a nossa Associação um fundo de livros importante, pois que existem naquella bibliotheca muitos livros em duplicado, que pertenceram aos conventos supprimidos.

O sr. Presidente, conçordando em que se fizesse este pedido, ponderou que seria bom precedel-o de algumas informações que o zeloso Inspector das Bibliothecas e Archivos, nosso illustre consocio sr. Gabriel Pereira, certamente poderá dar, sobre se esses livros teem algum destino; porque, não o tendo, nenhuma hesitação deve haver em os solicitarmos para a nossa bibliotheca.

O sr. Julio Ferreira ficou incumbido de tratar deste assumpto.

O sr. Victor Ribeiro manifestou o seu agradecimento por ter sido reeleito para a mesa, disse que viera tambem para a sessão com idéa de propor os votos de sentimento, que foram já approvados, pela morte de Alfredo Keil e Jules Meili, e apresentou a seguinte proposta:

«Esta Real Associação lamentando profundamente que uma medida orçamental, por certo inconsiderada, tenha suspendido a publicação regular da monumental collecção de documentos, intitulada—Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa—conscienciosamente dirigida pelo dedicado archivista da Camara sr. Eduardo Freire de Oliveira;

Considerando que esta obra constitue um dos mais valiosos *corpus* de documentos historicos de alta importancia, que em Portugal se tem publicado;

Considerando que além do valor para os estudos historicos, a obra representa uma Commemoração que a cidade votou ao Marquez de Pombal, por occasião de seu centenario em 1882, e que é mesmo a unica das commemorações então resolvidas que até hoje se tem cumprido;

Considerando portanto que vergonha grande seria deixar de desempenhar-se este solemne Compromisso da Cidade, mórmente no momento em que a obra vai entrar no periodo documental relativo á administração do Marquez de Pombal, a cuja vigorosa interferencia a cidade de Lisboa tem ainda em aberto uma divida de reconhecimento;

Considerando ainda, que achando-se publicados actualmente 14 volumes, e quasi concluido o 15.º, barbara, illogica e inadmissivel seria a interrupção desta obra, deixando-se truncada uma recopilação documental, que todos os estudiosos teem recebido com sincero applauso e reconhecido proveito de seus trabalhos, inutilizando-se desta forma toda a despesa que com ella o municipio tem até ao presente effectuado;

Por tudo isto, entende dever seu, como natural advogada de tudo quanto interessa aos estudos historicos e archeologicos de nosso paiz, representar com a maior instancia em todas as estações officiaes de quem o assumpto dependa, pedindo-lhes, que, em nome de todos os principios de patriotismo, de protecção ás sciencias historicas, de coherencia administrativa, de dignidade nacional e até do mais rudimentar bom senso, dêem providencias urgentes para que fique sem effeito

esta suspensão, que, devemos crê-lo, só por uma lamentavel inadvertencia se ordenou, proseguindo com a regularidade costumada a publicação tão util como honrosa para o primeiro municipio do paiz.

Lisboa, 23 de Outubro de 1907.

Victor Ribeiro.»

Depois de algumas observações expostas pelos srs. Presidente, Jesuino Ganhado, Costa Campos, Julio Ferreira, Victor Ribeiro e Mena Junior, foi a proposta admittida por unanimidade e ficou sobre a mesa para ser objecto especial de discussão na proxima reunião da assembléa.

O sr. José Queiroz agradeceu as palavras que o sr. Presidente proferira em relação á sua obra *Ceramica Portuguesa*.

O sr. Victor Ribeiro, por parte da Commissão de reforma dos Estatutos, disse que esta já encetára os seus trabalhos e que tomára a resolução de não os apresentar definitivamente sem ter ouvido em particular a opinião de todos os socios.

O sr. dr. Arthur Lamas offereceu um exemplar da sua publicação intitulada *Medalha de D. Carlos I, commemorativa da aclamação, para galardoar serviçaes*.

Foi, como todas as obras deste digno socio, recebido com o maior interesse.

Como eram mais de onze horas da noite, o sr. Presidente encerrou a sessão.

O secretario

EDUARDO A. DA ROCHA DIAS.



AZULEJOS

(Continuado do n.º 2, t. XI)

O azulejo relevado, contendo de tres a cinco côres, é geralmente de brilho metallico.

Os desenhos são formados por um só azulejo, ou por quatro, ou por séries de quatro.

As fachas são de ordinario estreitas formando uma série de ellypses.

Ha azulejos deste typo com uma só côr, geralmente amarellada como a dos actuaes ladrilhos belgas, e como estes formando pequenos quadrados. Bons exemplares deste typo existem no palacio de Cintra.

Dos azulejos arabes os mais raros são os que conteem a esphera armillar num só azulejo, e bem assim os que representam dois guerreiros, de côr acastanhada sobre fundo branco. É egualmente raro o quadro composto de quatro azulejos e em que se representam umas romãs.

Os de desenho em laçarias alicatadas e as rosaceas, principalmente quando o centro da flôr é verde, especialidade da fabrica de Triana, tambem são bastante procurados.

São muitissimo raros os azulejos arabes que eram applicados a pavimentos. Constavam elles de um florão formado por quatro azulejos, de dimensões maiores que as vulgares e fundo circular branco, partindo uns raios d'uma côr escura do centro para a circumferencia.

Nestes azulejos figuravam cinco côres typicas que eram: verde, vinho, turqueza, castanho claro e branco (seculos XIV a XVI); eram de reflexo metallico e possuiam uma certa aspereza a fim de evitar o escorregamento.

Em geral, todos os azulejos de epochas anteriores ao seculo XVI são raros e, portanto, valiosos.

Por mais duma vez tenho notado que muitos auctores confundem o azulejo com o mozaico; comtudo, é bom ter em vista que o mozaico é incrustado e o azulejo não.

Os azulejos começam a decahir sensivelmente dos fins do seculo XVII em diante, perdendo o caracter decorativo, peiorando o desenho, enfraquecendo a invenção, e ficando reduzidos a uma côr unica: a azul.

*
* *

O governo nestes ultimos tempos tem mandado proceder a varias reparações, demolições e ampliaciones nos seus edificios, por intermedio da respectiva Direcção de Edificios Publicos.

Da execução destes trabalhos resultou obter-se uma determinada quantidade d'azulejos d'algum valor artistico e archeologico e que S. Ex.^a o engenheiro director dos Edificios Publicos, sr. Pedro Romano Folque, no muito louvavel intento de conservar aquelles restos da arte antiga, mandou depositar nas obras do extincto convento da Madre de Deus, cuja direcção me foi confiada, a fim de ali serem applicados, o que se fez, pelo que se torna hoje interessante uma visita áquelle edificio.

Vou, pois, indicar ao leitor os logares em que os tenho collocado.

Os azulejos, posto que de epochas differentes, foram empregados em colleções completas, e aquelles que não poderam ser collocados conservam-se ali em deposito, como reliquia d'uma arte outrora tão notavel.

A pessoa que quizer visitar aquelle edificio deve solicitar licença para começar a sua visita entrando pelo portão em frente das actuaes portas da Cruz da Pedra, o qual o porá em communicação por meio duma pequena estrada com dois tunneis; um, o da esquerda, que faz parte da mesma estrada; outro, o da direita, que é como que o vestibulo duma das camaratas.

Neste ultimo encontrará um lambris de 1^m,75 d'altura por 34^m,95 de comprido, de côr azul e branca.

Os desenhos da facha teem a largura de dois azulejos e são formados por grupos de folhas que se enrolam em fórma de volutas. Os da parte envolvida conteem successivos desenhos eguaes, symetricos entre si, compondo-se de dois anjos, um de cada lado, assentados em volutas e sustentando outras que se ligam coroando um vaso de flores.

Estes azulejos vieram do convento das Grillas e devem ser de meados do seculo XVI, epocha da fundação daquelle edificio, ou de 1732, quando foi reconstruido.

2.º Tunnel

Os azulejos da facha são identicos aos da facha do 1.º tunnel; porém, os do quadro por ella envolvido é que são differentes, mas, tambem dispostos com symetria.

Cada desenho comprehende dois golfinhos que se ligam a cornucopias donde sãem figuras de mulheres, sem braços e com azas, e que são tangentes a uma concha que serve de coroamento a um vaso com flores e que está collocado no eixo do desenho, sendo tanto estes como os que se seguem intercalados por um pequeno vaso de flôres assente sobre um pedestal.

Estes azulejos são da mesma proveniencia que os primeiros e medem egualmente $34^m,95 \times 1^m,75$.

Sahindo dos tunneis deve o visitante encaminhar-se para a

GALERIA SOBRE O CLAUSTRO

Lambris medindo $200^m,0 \times 0^m,80$ de côr azul e branca.

Neste azulejo o desenho é uma miscellanea de assumptos em que predomina o elemento religioso.

Todos estes azulejos foram encontrados no edificio e ultimamente assentes, com excepção dos do lado do jardim que já se achavam collocados.

É difficil fixar-lhes as epochas ou dizer-lhes as proveniencias, visto notar-se em alguns quadros figuras com trajos do seculo XVIII e noutros indicios de muito maior antiguidade.

Nesta accumulacão de quadros tornam-se dignos de menção uns que representam marinhas.

Quando se procedeu ao assentamento deste azulejo, tive occasião de notar que alguns quadros se achavam incompletos, vendo-me, com-tudo, na necessidade de os applicar visto o empenho manifestado pela provedoria de que elles fossem assentes ainda mesmo com as faltas d'azulejo que se lhes notava.

Esta circumstancia obrigou-me a procurar novamente Bemvindo Ceia e tambem a Luiz Cardoso, a fim de lhes commetter a restauraçãõ de todos os quadros incompletos, o que elles acceitaram.

Nada, porém, posso dizer, por emquanto, ácerca do trabalho destes dois noveis artistas, por isso que nesta data ainda se não acha ultimado.

Claustrinho

(CORREDOR)

Lambris de $14^m,60 \times 0^m,68$, de côr azul e branca, formado por flôres.

PAVIMENTO SUPERIOR

Lambris de $27^m,5 \times 0^m,58$, côr azul e branca e igualmente formado por florões. Estes azulejos vieram, tambem, do convento das Grillas.

Claustrinho

(1.º PAVIMENTO)

Paredes todas azulejadas medindo $38^m,0 \times 3^m,0$ de alto.

Estes azulejos são enxequetados, em quatro côres; vieram do convento de Sant'Anna (1561).

ENTRE A ESCADA GRANDE E O 1.º PAVIMENTO

Lambris de $9^m,95 \times 1^m,44$ de côr azul e branca, representando grandes vasos de flôres.

Escada que dá comunicação do pateo para o claustriinho

(2.º PAVIMENTO)

Lambris medindo $18^m,5 \times 2^m,2$ na parte mais alta, de côr azul e branca.

Representa quadros com caçadas aos javalis e são limitados por uma grande facha ou moldura ornamentada de graciosas volutas, festões, conchas, anjos, etc.

A julgar por estes ornamentos, e pelos trajos das figuras dos quadros, pôde-se attribuir ao seculo passado a confecção deste trabalho.

Estes azulejos vieram da antiga escada do palacio do Calhariz.

Escada do claustriinho para o claustro grande

Lambris de $14^m,6 \times 1^m,14$ de côr azul e branca, enxequetada.

Claustro grande

Lambris de $116^m,45 \times 1^m,15$, de côr azul e branca.

Estes azulejos são eguaes aos do tunnel da esquerda e vieram do convento das Grillas.

Casa do despacho

Lambris de $30^m,62 \times 1^m,15$, de côr azul e branca.
Compõe-se este lambris de pequenos florões.
Estes azulejos vieram egualmente do convento das Grillas.

Tribuna real

Lambris formado por seis quadros, de côr azul e branca, a saber:

- 1.º—S. Simão— $1^m,27 \times 1^m,40$.
- 2.º—B. M. Catharina de Cardona— $0^m,75 \times 1^m,40$.
- 3.º—*Santa Eufrazina*— $1^m,15 \times 1^m,40$.
- 4.º—*Santa Eugenia*— $0^m,81 \times 1^m,40$.
- 5.º—*Nondum completo aetatis*— $2^m,0 \times 1^m,40$.
- 6.º—(Sem legenda) (1)— $0^m,68 \times 1^m,40$.

Estes azulejos vieram duma capella do convento das Albertas (1584).

Quadros que vieram do convento de Sant'Anna e que ainda não estão collocados

1.º quadro—mede $1^m,16 \times 1^m,38$, e representa a figura de S. João Baptista de pé; o fundo do quadro são arvores, casas, etc. Tem a seguinte inscripção:

A Madre Gracia do Sacramento mandou fazer sendo rodeira 1635.

INTERNACTUS MULIERUM NON SURREXIT MAIOR JOANE BAPTISTA

2.º quadro—mede $1^m,10 \times 1^m,38$ e nelle vemos uma custodia ao centro ladeada por dois anjos, tendo cada um nas mãos uma véla. Tem, tambem, a seguinte inscripção:

LOUVADO SEJA O SANTISSIMO SACRAMENTO.

(1) Representa S. Jeronymo.

3.º quadro—mede $1^m,10 \times 1^m,28$ composto de tres figuras; a da Virgem ao lado esquerdo e S. José ao direito, conduzindo ambos pela mão o menino Jesus que está ao meio do quadro.

4.º quadro—mede $0^m,70 \times 0^m,70$ e tem ao centro uma esphera com os seguintes caracteres IHS e por baixo da esphera a seguinte inscripção:

A MADRE EILENA DE JESUS SENDO ÇANCRISTAN MANDOÜ ACABAR
ESTA OBRA D'ESTE CORO NA ERA DE 1645.

5.º quadro—mede $0^m,60 \times 0^m,55$ e representa S. Miguel.

6.º quadro—mede $0^m,60 \times 0^m,55$ e mostra-nos uma figura com um habito de frade, e tem escripto «S. Diogo».

7.º quadro—mede $0^m,60 \times 0^m,55$ e tem a figura de S. Antonio com os seguintes dizeres:

O PROLES—HIS—PANIE

8.º quadro—mede $0^m,70 \times 0^m,56$ e tem apenas uma custodia.

9.º quadro—mede $0^m,70 \times 0^m,55$ e representa S. Miguel.

10.º quadro—mede $0^m,57 \times 0^m,40$ e representa Tobias e o Anjo.

11.º quadro—mede $0^m,57 \times 0^m,40$ e representa S. Raphael.

Os quadros desde o n.º 1 ao n.º 8 inclusive são desenhados com pouca arte, as figuras desproporcionadas e sem expressão; as côres de que se compõem são: amarello, a mais predominante, azul, roxo, verde e branco.

Os quadros n.ºs 9, 10 e 11 são em azul e branco, e as suas figuras são desenhadas com franqueza e sem hesitação; as roupas, trajos, etc., muito bem indicadas e sobremaneira proporcionadas todas as partes da composição.

Ainda ha mais 11 quadros que vieram de Sant'Anna; porém, parte delles muito incompletos pelo numero d'azulejos que lhes falta. Ha um de grandes dimensões, medindo $2^m,70 \times 2^m,37$.

Além destes ha mais os seguintes que tambem vieram do convento das Grillas e que devem ser applicados no Claustinho; todos têm legenda de que eu, apenas, indico o começo:

1.º—*Cordis donatio*—mede $1^m,32 \times 1^m,25$.

2.º—*Cordis mundatio*— $2^m,19 \times 1^m,25$.

3.º—*Tuge dilecte mi*— $13^m,2 \times 1^m,25$.

4.º—*Egredere oves*— $1^m,90 \times 1^m,20$.

- 5.º—*Cordis floris*—2^m,5 × 1^m,25.
 6.º—*Quando veniam*—1^m,48 × 1^m,25.
 7.º—*Cordis vigilia*—1^m,72 × 1^m,25.
 8.º—*Cordis quies*—2^m,16 × 1^m,25.
 9.º—*Cordis volatus*—2^m,16 × 1^m,25.
 10.º—*Dilectus meus*—2^m,20 × 1^m,25.
 11.º—*Asylum Cordis*—2^m,50 × 1^m,25.
 12.º—*Sem legenda*—1^m,90 × 1^m,25.
 13.º—*Quemadmodum desiderat*—2^m,40 × 1^m,25.
 14.º—*Cordis renovatio*—2^m,28 × 1^m,25.
 15.º—*Utinam dirigentus*—2^m,08 × 1^m,25.

Do convento das Albertas tambem existem os seguintes:

Jesus no templo—Quadro medindo 3^m,40 × 1^m,0, de côr azul e branca.

Nascimento de Jesus—mesma côr, medindo 3^m,25 × 1^m,0.

S. Jeronymo na oração—dois quadros medindo cada um 0^m,87 × 1^m,0, de côr azul e branca.

Tres monges—quadro, tambem de côr azul e branca, medindo 1^m,07 × 0^m,86.

Os azulejos que vieram do convento das Grillas são em numero de 44:763, dos quaes 16:856 se acham assentes e 27:907 por assentar.

Os que vieram do Calhariz são em numero de 4:754, dos quaes 2:205 se acham já assentes e 2:549 por assentar.

Os das Albertas em numero de 1:388; achando-se 441 já assentes e 947 por assentar.

Os do convento de Sant'Anna em numero de 22:000; achando-se assentes 5:586 e sem applicação 16:414; perfazendo todos um total de 72:905 azulejos.

(Continúa.)

